

SANDRA MARIA BARBOSA LIMA

**Fontes de informação na construção da memória da Prof<sup>a</sup> Antonia  
do Socorro Silva Machado: uma pessoa, uma escola dentro da  
comunidade**

João Pessoa/PB  
2010

L732f LIMA, Sandra Maria Barbosa.  
Fontes de informação na construção da memória da professora  
Antonia do Socorro Silva Machado: uma pessoa, uma escola dentro  
da comunidade / Sandra Maria Barbosa Lima – João Pessoa,  
2010  
86f. :il.

Orientadora: Profª Drª. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira  
Monografia (Graduação em Biblioteconomia) –  
UIFPB/CCSA  
1.Fontes de informação 2.Fontes orais 3.Informação 4.Memória  
I. Título

UIFPB

CDU 025.5(043.2)

SANDRA MARIA BARBOSA LIMA

**Fontes de informação na construção da memória da Prof<sup>a</sup> Antonia do Socorro Silva Machado: uma pessoa, uma escola dentro da comunidade**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de graduação em Biblioteconomia do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharela.

ORIENTADORA: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira

João Pessoa/PB  
2010

SANDRA MARIA BARBOSA LIMA

**Fontes de informação na construção da memória da Prof<sup>a</sup> Antonia do Socorro Silva Machado: uma pessoa, uma escola dentro da comunidade**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de graduação em Biblioteconomia do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharela.

Aprovada em \_\_\_\_\_, de \_\_\_\_\_ de 2010

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira  
Orientadora (UFPB)

---

Prof. Dr. Carlos Xavier de Azevedo Netto  
Membro (UFPB)

---

Prof<sup>a</sup>. Ms. Izabel França de Lima  
Membro (UFPB)

A toda a minha família pelo incentivo.

DEDICO

## AGRADECIMENTOS

Nosso agradecimento, primeiramente, a uma pessoa em especial, *Vitória*. Ela incentivou e proporcionou adentrarmos no mundo da investigação científica e fez com que nos interessássemos em conhecer histórias de pessoas comuns e que, de alguma forma, são tão grandes quanto aquelas descritas nos livros que falam de heróis. Foi auxiliando-a em suas pesquisas que despertou, nosso interesse pela construção da memória histórica de Dona Antônia. Agradeço-lhe, ainda, o incentivo e a crítica, quando da leitura dos textos para a elaboração deste trabalho.

Agradeço, ainda, à professora Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira que, como orientadora, me incentivou a enveredar pelo mundo da Biblioteconomia. Muito obrigada!

Meus agradecimentos, também, a todas as pessoas que participaram direta ou indiretamente deste estudo, particularmente, os elencados a seguir:

Aos sobrinhos de Dona Antônia: Vó, Mocinha, Tenente, Roberto e Joelma;

Ao senhor Getúlio, o esposo, por suas palavras simples e, ao mesmo tempo, sinceras, acompanhadas de uma riqueza emocional, de conhecimento sobre Dona Antônia;

Aos colegas e amigos de trabalho: Estela, Ivete, Elizabeth e Lourdes;

Aos alunos do 9º ano (2009 e 2010) da Escola Municipal Professora Antônia do Socorro, que nos ajudaram com a disposição para entrevistar e ser entrevistados: Michael, Janine, Ítala, José Roberto, Yara, Danielle, Deivesson, Raiza. A esses nossos agradecimentos em nos ceder suas lembranças tão íntimas e demonstrar em suas vozes, ao mesmo tempo, seus sentimentos nas suas falas simples e tão sinceras;

Às minhas irmãs e irmãos: Regina, Conceição, Luiza, Rita, Maria de Jesus, Vitória, Zé, João, por fazerem parte de uma família de batalhadores;

Aos meus sobrinhos, Leslyanne e Antonio Wagner, pela ajuda para transcrever as entrevistas;

Aos outros alunos do 9º ano, cujos nomes não foram mencionados, mas que serviram de incentivo e, até mesmo, de ponte entre uma escola, uma pessoa e uma comunidade;

A todos os professores e funcionários do Curso de Biblioteconomia. Muito obrigada!

## RESUMO

Este trabalho, intitulado *Fontes de informação na construção da memória da professora Antônia do Socorro Silva Machado: uma pessoa, uma escola dentro da comunidade*, objetivou recuperar as fontes de informação para a construção da memória da professora Antônia do Socorro Silva Machado e seu fazer educativo e social. Para isso, recorreremos a pressupostos teóricos sobre fontes de informação e fontes históricas, ancorando-nos em autores como Ginzburg (2007), Montenegro (2003), Alberti (1989), entre outros. Metodologicamente, o estudo adotou as perspectivas teóricas da abordagem documental e da História Oral, por meio das quais é possível perceber e mapear as fontes de informação, descortinando outras nem sempre perceptíveis a olho comum. Para construir a memória de Antônia do Socorro, foram utilizadas, principalmente, as fontes orais, como os depoimentos de familiares, amigos e conhecidos, que representaram as vozes dos entrevistados, elencando músicas e outras tipologias documentais (o busto, os objetos pessoais - a bolsa, a identidade - e documentos oficiais escritos, placas comemorativas, fotografias) que, juntas, constituem uma diversidade de documentos a serem utilizados pelo bibliotecário em seu fazer pedagógico.

**Palavras-chave:** Fontes de informação. Fontes orais. Informação. Memória.

## ABSTRACT

The research entitled *Information sources in the construction of Professor Antônia do Socorro Silva Machado's memory: a person, a school inside a community*, aimed to outline the information sources for the construction of this professor's memory as well as her educational and social practice. Such study is based on the theoretical fundamentals about information sources and historical sources from authors as Ginzburg (2007), Montenegro (2003), Alberti (1989) among others. As regards the methodology, it was adopted the theoretical perspectives of the documental approach and the oral history making feasible, thus, to perceive and summarize the information sources, unveiling others not always recognizable at a glance. The information sources concerning the construction of Antônia do Socorro's memory, mostly used, refer to oral sources such as the family's, friends' and acquaintances' reports. The collected reports enabled to represent the voices of those who were interviewed, consequently sorting out songs and other documental typologies (the bust, personal objects – the purse, the identity card – and written official documents, commemorative badges, photographs) which together allow to notice the diversity of documents to be used by the librarian in his or her pedagogical practice.

**Keywords:** Information sources. Oral sources. Information. Memory.



## LISTA DE ILUSTRAÇÃO (FOTOS)

<b>Foto 1:</b> Momento de festa, formação dos alunos no Ensino fundamental I.....	43
<b>Foto 2:</b> Entrega do canudo a aluna Ítala, entrega realizada pela irmã de Estela pela conclusão do ensino fundamental I. (Cedida gentilmente por Ítala).....	44
<b>Fonte 3:</b> Identidade pessoal de Dona Antonia do Socorro. (Cedido getilmente pelo senhor Getúlio).....	45
<b>Foto 4:</b> Casa nova de Dona Antonia do Socorro.....	45
<b>Foto 5:</b> Busto em homenagem a Dona Antonia do Socorro, construído após sua morte.....	46
<b>Foto 6:</b> Reprodução da foto de Dona Antonia do Socorro. (original se encontra na Secretaria da Escola).....	47
<b>Foto 7:</b> Bolsa de Dona Antonia do Socorro. (Cedida gentilmente pelo viúvo).....	48
<b>Foto 8:</b> Interior da bolsa de Dona Antonia do Socorro.....	48
<b>Foto 9:</b> Placa referente a fundação da Escola Municipal José Peregrino de Carvalho, antigo nome da Escola Antonia do Socorro.....	49
<b>Foto 10:</b> Placa da reforma e ampliação da Escola M. José Peregrino de Carvalho, em março de 1991.....	49
<b>Foto 11:</b> Placa referente a recuperação da E. M. de 1º grau Antonia do Socorro S. Machado.....	50
<b>Foto 12:</b> Placa referente à construção do Ginásio de Esportes da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Antonia do Socorro Silva Machado.....	51
<b>Foto 13:</b> Momento da atividade extra-classe com os alunos do 9º ano, em 2009 .....	51
<b>Foto 14:</b> Comemoração de aniversário (foto cedida gentilmente por Cícera).....	52
<b>Foto 15:</b> Dona Antonia e sua culinária (Cedida gentilmente por Cícera).....	52

## LISTA DE QUADRO

<b>Quadro 1:</b> Lembranças das festas de Dona Antonia do Socorro.....	39
--	----

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
1.1 OBJETIVOS.....	13
1.2 APORTE METODOLÓGICO.....	13
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>20</b>
2.1 INFORMAÇÃO E DOCUMENTO.....	20
2.2 MEMÓRIA E ESTUDOS MEMORIALÍSTICOS.....	25
2.3 FONTES DE INFORMAÇÃO.....	27
<b>3 AS FONTES DE INFORMAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA: coleta e análise.....</b>	<b>32</b>
<b>4 BIOGRAFIA DE ANTONIA DO SOCORRO SILVA MACHADO.....</b>	<b>49</b>
<b>5 A COMUNIDADE PARATIBE E A ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL I E II PROFª ANTONIA DO SOCORRO SILVA MACHADO.....</b>	<b>55</b>
5.1 A ESCOLA DE ONTEM - JOSÉ PEREGRINO DE VARVALHO - E A DE HOJE, ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA ANTONIA DO SOCORRO SILVA MACHADO.....	59
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>64</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>68</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>71</b>
APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista.....	72
APÊNDICE B – Texto dramático.....	73
<b>ANEXOS.....</b>	<b>83</b>
ANEXO A – Ficha do Docente (1981/1982).....	84
ANEXO B – Folha de frequência (1975).....	86

## 1 INTRODUÇÃO

Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum (HALBWACHS apud POLLAK, 1989, 3-4).

O exercício de graduanda em Biblioteconomia conduziu-nos a diversos temas, que foram discutidos ao longo do curso e que poderiam ser trabalhados na elaboração de um trabalho acadêmico. Contudo, nossa escolha recaiu sobre a construção da memória de um indivíduo que dedicou sua vida à educação. Assim, trilhamos este estudo, intitulado “*Fontes de informação na construção da memória da professora Antônia do Socorro Silva Machado: uma pessoa, uma escola dentro da comunidade*”.

Vale ressaltar que a nossa vivência como aluna-estagiária, durante vários anos, em unidades de informação, principalmente, nos arquivos de instituições públicas – como o Arquivo do Centro de Educação e o Arquivo do Departamento de Estradas e Rodagens da Paraíba (DER/PB), por exemplo - mostrou-nos que as fontes de informação, mesmo quando estão quase às “escondidas” em massas documentais, acumuladas ou deterioradas, ainda são passíveis de recuperação, com vistas a reconstituir a memória de uma instituição ou um indivíduo. Essa concepção nos permitiu ver as fontes de informação com outros olhos, não só aquelas que estão à vista, mas também, as que estão ocultas, ou seja, as que podemos reconstruir e tornar visíveis. Essa descrição não está muito distante da realidade que vivenciamos nas instituições acima citadas e, mais recentemente, no desenvolvimento deste estudo, pois as experiências que vivenciamos, em várias unidades de informação na organização de suas fontes de informação, favoreceram nossa visão de buscar ou de suscitar a ideia de trabalhar com fontes de informação pessoal.

As ideias se acumularam em nossa mente e fizeram com que nos interessássemos por conhecer melhor a memória da pessoa e da escola onde que trabalhamos: a Escola Municipal de Ensino Fundamental I e II e a Prof<sup>a</sup>. Antônia do Socorro Silva Machado, da Comunidade de

Paratibe<sup>1</sup>. Como professora dessa Escola, ministrava aulas de Arte – fruto de nossa primeira formação acadêmica - a alunos do 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental desde 2007.

O interesse por pesquisar este tema começou a surgir quando, nas reuniões de Planejamento de que participávamos, a direção da Escola sempre ressaltava a pessoa de “Antônia do Socorro”, devido à sua grandeza de espírito, sua grande importância para a Escola e por ela ter cedido o terreno para construí-la e que, após sua morte, recebeu o seu nome. Falava, ainda, que a comunidade de Paratibe devia muito à referida professora. As afirmativas feitas pela direção da escola, durante as reuniões, levaram-nos a questionamentos permanentes como: quem era Antônia do Socorro? O que mais ela fez pela escola? Diante dos questionamentos quase sempre sem respostas, surgiu a ideia, agregada à conclusão do curso de graduação em Biblioteconomia, de envidar esforços no sentido de reconstruir a memória e a história da pessoa de Antônia e, ao mesmo tempo, da escola. Mas, para isso, foi preciso mapear e recuperar as fontes de informação.

As fontes de informação ou fontes históricas são vestígios deixados como documentos em diversos suportes, que vão desde o material impresso ou escrito manualmente, não só em papel, mas também em outros materiais – pedra, papiro, pergaminho, madeira etc -, ou em audiovisual (fitas K7, vídeos), a internet, a própria memória individual – registros cerebrais que podem ser recuperados pelas lembranças e materializados em entrevistas -, entre outros: e que contêm registros de expressões deixadas pela humanidade. Esses suportes variaram no tempo e no espaço (ALBERTI, 2005), mas se evidencia que eles estão à nossa disposição e, sobretudo, “clamando” para serem utilizados, recuperados e serem organizadas as informações que comportam.

Uma das questões que se apresentam hoje, ao descobrirmos o poder das informações, é, muitas vezes, são a escassez e a dispersão de fontes de informação, o que se refletiu na nossa prática, como já registramos anteriormente, ao tentar desenvolver um trabalho pedagógico sobre a pessoa que nomeou a escola onde atuamos: Antônia do Socorro Silva Machado. Isso nos fez atentar para a questão das fontes. A esse respeito, vale questionar: Na elaboração de trabalhos/estudos, de caráter memorialístico, que fontes de informação utilizar? Na inexistência de fontes de informação sobre a temática, como construir um corpus de fontes informacionais que auxiliem na construção de trabalhos dessa natureza? Foi na tentativa de responder a tais

---

<sup>1</sup> Comunidade formada por descendentes de quilombolas desde o período da escravidão.

indagações que traçamos este objetivo geral: Recuperar as fontes de informação para a construção da memória da professora Antônia do Socorro Silva Machado. Porém, este estudo tem uma estreita relação com trabalhos memorialísticos, sobretudo quando se fala em bibliotecas públicas, comunitárias e escolares, como também sobre indivíduos.

## OBJETIVOS:

### Objetivo geral:

Recuperar, identificar e analisar as fontes de informação para a construção da memória da professora Antônia do Socorro Silva Machado e seu fazer educativo e social.

### Objetivos específicos:

- Identificar pessoas próximas ou parentes que conviveram com dona Antônia do Socorro e a Escola que recebeu o seu nome;
- Orientar alunos que farão as entrevistas com pessoas dentro e fora da instituição;
- Entrevistar parentes, funcionários, colegas e alunos sobre a Escola e que conviveram com Antônia do Socorro a partir do roteiro de entrevista;
- Sistematizar as informações recuperadas com familiares e colegas de Antônia do Socorro;
- Realizar depoimentos com alunos sobre a Escola Antônia do Socorro;
- Agrupar as fontes de informações sobre o Bairro Paratibe e a Escola Municipal de Ensino Fundamental I e II Antônia do Socorro Silva Machado.

## 1.2 APORTE METODOLÓGICO

A estratégia de ouvir atores ou testemunhas de determinados acontecimentos ou conjunturas para melhor compreendê-los não é novidade. Heródoto, Tucídides e Políbio, historiadores da Antiguidade, já utilizavam esse procedimento para escrever sobre acontecimentos de sua época. *Para eles, a História se faz com testemunhos, com objetos, com paisagens, com documentos escritos* (ALBERTI, 2005, p.156. Grifo da autora).

Tendo em vista o que nos propusemos a fazer - recuperar as fontes históricas sobre “Antônia do Socorro, a mulher e a escola” - buscamos nos respaldar em uma fundamentação

metodológica que nos guiasse da melhor forma para este estudo. Partindo desse princípio, vários estudos foram selecionados. Porém, não podemos deixar de esclarecer que as metodologias que consideramos apropriadas teriam que realizar um diálogo entre si.

Assim, para esta pesquisa, ressaltamos os estudos de Verena Alberti (1989), em seu livro, *História Oral: a experiência no CPDOC*; Carlo Ginzburg (2007, 1995) e suas obras, *Mitos, emblemas, sinais* e, *O queijo e os vermes*, entre outros, que enriqueceram, esclareceram e propiciaram uma discussão de suas estratégias metodológicas com as deste estudo.

Iniciamos com o método da *História Oral*, embora seja importante colocar que esse método não é um fim em si mesmo, como nos diz Alberti (1989), mas um meio de conhecimento, e não encerra um estatuto fechado, porquanto permite justificar a “História Oral pela História Oral”. Ao contrário, seu emprego só se justifica no contexto de uma investigação. Para a autora, o emprego da História Oral implica, antes de qualquer coisa, a adoção de métodos qualitativos de pesquisa e é importante diante da temática e das questões que o pesquisador “coloca para estudar as versões que os entrevistados fornecem acerca do objeto de análise. Ou mais precisamente: tais versões devem ser elas mesmas, objetos de análise” (ALBERTI, 1989, p.12-13).

E é precisamente por causa desses aspectos apresentados pela História Oral que a escolhemos, pois, conjuntamente com outras propostas de reconstrução de fontes históricas, recupera as versões ressaltadas por nossos atores e testemunhas. As informações foram, inicialmente, coletadas a partir de conversas obtidas informalmente<sup>2</sup> e aguçaram ainda mais a nossa curiosidade, ao apresentar alguns aspectos até então desconhecidos sobre a pessoa e a escola Antônia do Socorro.

Partindo dessas ideias iniciais, nos questionamos como esclarecer conceitualmente o que significa a *História Oral*. Segundo Alberti (1989), conceituar a História Oral e seus limites esbarram em categorias de diversas ciências humanas, como biografia, tradição oral, memória, linguagem falada, métodos qualitativos etc., pois sua definição não se estabelece facilmente - ora se trata de um método de investigação científica, ora fonte de pesquisa, ora, ainda, como técnica de produção e de tratamento de depoimento gravado.

---

<sup>2</sup> O nosso interesse por “Antônia do Socorro: a mulher e a escola” teve início em 2007, quando fomos lecionar a disciplina de Artes para os alunos da escola. Em 2009, foi iniciado um projeto pedagógico com o objeto de localizar informações e produzir, conjuntamente com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, a peça intitulada “Dona Antonia, uma amiga imaginária”.

Reiterando a denominação da História Oral, como um método de investigação, ela nos apresenta algumas especificidades para a nossa pesquisa, que vamos considerar neste momento. Para Alberti (1989), somente a História Oral pode ser empregada em pesquisas sobre temas contemporâneos, o que vem ao encontro do objetivo deste estudo, que é a construção de fontes de informações, tendo como umas das possibilidades as fontes documentais e o que nos foi relatado oralmente - ocorridos em um passado não muito remoto, ou mesmo construí-las a partir do que as pessoas nos contam, rebuscando em suas memórias momentos vivenciados em relação à pessoa e à instituição Antônia do Socorro.

Na História Oral, o que vale destacar é que a maioria das pessoas que agiram ou testemunharam fatos ainda estão com a memória bastante “fresca”, e suas ideias podem fluir com facilidade e registrá-las em um suporte, materializando suas lembranças ou suas vivências, tornando-as em informações, pois não há uma documentação por escrito ou imagética sobre esse estudo com tanta riqueza de informação quanto as memórias individuais ou coletivas.

Outro aspecto interessante que a História Oral propicia, desde o início, é a “produção intencional de documentos históricos” (ALBERTI, 1989, p. 4). Assim, ao invés de pesquisar e/ou organizar um arquivo de documentos já existentes, passamos a criar documentos e lhes conferimos, após criteriosa avaliação, o caráter de fontes em potencial para futuras pesquisas. Por essa razão, nossa proposta é de produzir documentos. E essa proposta não difere muito da que é objetivada pela História Oral. Ao empregar esse método de investigação, alinhamo-nos a esse estudo, pois o nosso tem como principal objetivo identificar e recuperar as fontes de informação para a construção da memória da Professora Antônia do Socorro Silva Machado.

Nosso interesse por “Antônia do Socorro: a mulher e a escola” surgiu de conversas informais com pessoas que trabalhavam na própria escola e que poderiam dar informações sobre a pessoa e a instituição. Mas, para isso acontecer, precisamos juntar uma conversa “ali”, outra “acolá”, até descobrir que muitas pessoas conheceram o objeto de estudo e tiveram uma convivência bastante significativa com ele. Portanto, tinham algo a relatar tanto sobre a pessoa Antônia do Socorro quanto sobre a instituição fundada por ela, com a ajuda de outras pessoas.

À História Oral, juntamos alguns aspectos da teoria indiciária como pressuposto metodológico. Para isso, recorreremos a Carlo Ginzburg (2007), em sua obra, *Mitos, emblemas, sinais*, em que ele se utiliza de testemunhos figurativos como fontes históricas, para indicar uma nítida vontade de atualizar e ampliar culturalmente fontes documentais. É importante ressaltar

que, ao procurar reconstruir as fontes históricas a respeito da Professora Antônia do Socorro, partindo de testemunhos e trazendo à superfície suas características fisionômicas, os aspectos pessoais e materiais, seus objetos pessoais e documentos impressos, destacando seus momentos, presenciados por outras pessoas, na convivência do dia a dia, através de testemunhas próximas ou até mesmo daquelas distantes, temos a chance de entrelaçar com o que nos propusemos fazer, pois estamos construindo a história de uma pessoa e de uma instituição a partir de fontes históricas que também estão sendo construídas.

A escolha pela investigação oral para o desenvolvimento desta pesquisa deve-se, também, ao fato de que

a peculiaridade da História Oral como um todo – decorre de toda uma postura com relação à história e às configurações sócio-culturais, que privilegia a *recuperação do vivido concebido por quem viveu*. É neste sentido que não se pode pensar em História Oral sem pensar em biografia e memória. O processo de recordação de algum acontecimento ou alguma impressão varia de pessoa para pessoa, conforme a importância que se imprime a esse acontecimento no momento em que ocorre e em que é recordado. Isso não quer dizer – e as ciências da psique já o disseram – que tudo o que é importante é recordado; ao contrário, muitas vezes esquecemos, deliberada ou inconscientemente, eventos e impressões de extrema relevância (ALBERTI, 1989, p.5. Grifos da autora).

O que não podemos esquecer é que houve um longo percurso das pesquisas históricas, e, segundo Alberti (1989), essa forma de pesquisa não é de hoje. Contudo, no Século XIX, com o predomínio da história “positivista” e a quase sacralização do documento escrito, a prática de colher depoimento esteve relegada a segundo plano. Considerava-se que o depoimento não poderia ter, digamos, valor de prova, já que era imbuído de valores, de uma visão parcial sobre o passado e estava sujeito a falhas de memória, porque, nesse período, os estudos positivistas se dedicavam aos documentos que tinham que ser originais e sem nenhuma forma de “falsidade”, ou seja, as provas tinham que ser legítimas, sem nenhuma subjetividade, pois toda e qualquer informação tinha que ser verdadeira e científica, porquanto os positivistas, em seus trabalhos científicos, cuidavam para que não houvesse nenhuma dúvida nem trabalhos forjados.

Foi apenas na segunda metade do Século XX – depois de algumas experiências relevantes ainda nas primeiras décadas do Século, como a de Thomas e Znaniecki, por exemplo – que a História Oral voltou a se firmar como potencial de estudo dos acontecimentos e conjunturas sociais. Atribuí-se a esse “renascimento” uma espécie de insatisfação dos pesquisadores com os métodos quantitativos, que, no pós-guerra, começaram a ceder lugar aos métodos qualitativos de investigação. (ALBERTI, 1989, p.2)



De acordo com Alberti (1989), a História Oral possui e tem singularidades, a partir das quais se firmou: a primeira, devido ao aparecimento do recurso do gravador, que possibilitou que se gravasse o depoimento, permitindo assim a sua consulta e avaliação a qualquer tempo, e transformando-o em fontes múltiplas de pesquisas. A segunda diz respeito ao seu contraponto com a história “positivista”, ou seja, como reflexo desse descobrimento e de outros recursos tecnológicos que foram aparecendo e sendo construídos, como a máquina digital, que propiciou o registro de pequenos vídeos (que serão descritos nos capítulos futuros), além da imagem fixa - a fotografia.

Nesta pesquisa, utilizamos a gravação de pequenos vídeos, com duração de quase três minutos ou mais, o que viabilizou a exploração e o registro na construção deste trabalho. As informações que antes haviam sido passadas em conversas informais foram registradas em vídeo, após a elaboração de um roteiro de entrevista (Apêndice A), que serviu de orientação tanto para o entrevistado quanto para o entrevistador.

As entrevistas foram precedidas de uma relação de pessoas que serviriam de testemunhas e que nos apontariam, dados, *vestígios* ou *fontes históricas* que propiciariam a aproximação com “Antônia do Socorro”. Essas fontes foram tanto humanas quanto materiais (objetos, registros em suporte de papel etc.).

As “fontes humanas” foram seus familiares, funcionários antigos da escola e conhecidos, o que formou uma rede de informantes, pois, quando nos aproximávamos de uma pessoa que nos falava sobre ela e a escola, imediatamente citava outros nomes que poderiam dar mais informações. O passo seguinte foi a busca de documentos impressos e objetos pessoais.

Na fase das entrevistas, contamos com a colaboração de alunos do 9º ano - que se formaram em 2009 - e os que estão para concluir em 2010. Percebemos o quanto a pesquisa foi importante para eles, assim como para os entrevistados, como nos revela a documentação. O roteiro da entrevista pouco variou entre os entrevistados, apenas ocorria em elementos como detalhar a ocupação na escola, o parentesco ou o grau de amizade e o conhecimento com a pessoa Antônia do Socorro, ou seja, reformulamos questões referentes à passagem dos entrevistados pela vida e pela escola Antônia do Socorro.

Concordamos com Alberti, quando afirma que

certamente não será porque a entrevista adquire estatuto de *documento* que a História Oral passa a obedecer aos requisitos da “ciência positivista”. Ao contrário: trata-se de tomar a entrevista produzida como documento, sim, mas deslocando o objeto documentado: não mais

passado 'tal como efetivamente ocorreu', e sim a versão do entrevistado (ALBERTI, 1989, p. 2. Grifos da autora).

Todos os documentos, assim como os pequenos vídeos produzidos neste estudo, foram coletados e selecionados de acordo com nossos objetivos. Vale esclarecer que os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental da escola foram selecionados para dar seus depoimentos. Assim, alguns deles tanto colheram quanto produziram informações. Para participar da pesquisa, priorizamos os alunos cuja permanência na escola foi mais prolongada ou os que iniciaram sua vida estudantil na própria escola.

Quanto aos documentos impressos e/ou escritos que pudemos ter em mãos, foram poucos os encontrados até o momento. Em síntese, a documentação relacionada, principalmente, à pessoa de Dona Antônia, como fundadora e diretora da Escola, após a sua morte, encontra-se hoje sob o domínio de familiares. Nesse sentido, valemo-nos do pensamento de Ginzburg (2007), ao referir que a construção de métodos e as estratégias de pesquisa como paradigmas atualmente estão mais ampliados, não se restringem aos documentos escritos e representam, na historiografia contemporânea, um momento de rara luminosidade, posto que abre caminhos para novas abordagens e fornece pistas para reflexões, recuperando tendências que a reverenciam. Porém, talvez o que nos fascine sejam a imaginação e a ousadia com que o autor constrói hipóteses e arrisca conclusões. Isso nos faz entender que o nosso processo metodológico de construção não fica aquém do pretendido por outros estudiosos. Podemos reafirmar com Alberti (1989) que a tendência hoje da *História Oral*, como uma metodologia de pesquisa, consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de acontecimentos e conjunturas do passado e do presente ou os testemunharam.

Consideramos, assim, estabelecida uma relação entre informação e conhecimento, que só se realiza se a informação for percebida e aceita como tal, colocando o indivíduo em um estágio melhor de desenvolvimento, consciente de si mesmo e dentro do mundo onde se realiza a sua odisséia individual (BARRETO, 2002, p. 49).

Os depoimentos de indivíduos que presenciaram ou testemunharam determinado acontecimento importante para a construção deste estudo foram relacionados seguindo alguns critérios que procuramos averiguar: primeiro, se conheciam a Professora Antônia do Socorro ou tinha convivido com ela. Segundo, se trabalharam ou se trabalham há muito tempo na escola, e terceiro: se são parentes da Antônia do Socorro.

Diante disso, tentamos averiguar qual o momento mais adequado para esses depoentes nos darem seus testemunhos e, então, procedermos às entrevistas com cada um dos possíveis entrevistados. E por que tudo isso? Porque surgiram alguns desencontros, pois, mesmo quando alguns entrevistados ainda ficavam trabalhando na escola, havia a questão de estarem em horário de serviço e não podíamos interrompê-los. Já com os de fora o processo se tornou mais fácil, pois, embora só pudessem vir nos dias de folga do trabalho, eles se dispuseram a cooperar. Assim, tivemos que nos adaptar aos horários dos entrevistados. Mesmo assim, seguimos colhendo e gravando aos poucos os depoimentos das testemunhas, adaptando os horários livres que tínhamos com os dos entrevistados.

Nessa perspectiva, fomos avaliando os vestígios das “vozes” ouvidas neste trabalho, inicialmente, nos corredores da escola, e transformando-os em algo concreto, real, em registro fixo e possível de se tornar fonte de informações futuras e de grande interesse não só para nós, pesquisadores, educadores, mas também, para as próprias comunidades Paratibe e Muçumagro e para futuros pesquisadores da pessoa e da instituição Antônia do Socorro.

Em relação aos documentos escritos sobre ela, que são poucos, até o momento em que nos foi possível ter acesso, temos: a sua frequência na escola e a ficha de docente. Uma fotografia se encontra na secretaria da escola, além de outros objetos, como: busto<sup>3</sup>.

Acreditamos, assim como Alberti (1989), que a principal característica do documento da História Oral não consiste no ineditismo de algumas informações, tampouco no preenchimento de lacunas de que se ressentem os arquivos de documentos escritos ou iconográficos, por exemplo. Sua peculiaridade – a da História Oral como um todo – decorre de toda uma postura em relação à história e às configurações socioculturais, que privilegiam a “recuperação do vivido concebido por quem viveu”. É nesse sentido que não se pode pensar em História Oral sem pensar em biografia, memória e informação.

---

<sup>3</sup> Encontra-se em frente à escola do lado direito da entrada, próximo à janela da secretaria, com uma tinta preta, que cobre toda a obra. Para resguardar esse busto, ele se encontra sobre um parapeito com mais de um metro de altura e de 50 cm de largura cada lado aproximadamente.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

[...] as teorias surgem com uma variedade quase infinita, o que suscita problemas a potenciais usuários. Em primeiro lugar, há o problema da escolha de teorias antagônicas, que normalmente ocorre com base na adequação maior ou menor entre a teoria geral e o problema específico. Há também a questão de conciliar a teoria e suas implicações ao aparato conceitual global daquele que contrai esse empréstimo (BURKE, 2002, p. 229).

Procuramos ficar atentos sobre o alerta de Burke (2002) a respeito do uso de uma teoria que se adéque ao nosso estudo, razão por que nossas escolhas recaíram em autores que compartilham teorias similares e não antagônicas.

### 2.1 INFORMAÇÃO E DOCUMENTO

Vida material são homens e coisas, coisas e homens. Estudar as coisas – os alimentos, as habitações, o vestuário, o luxo, os utensílios, os instrumentos monetários, a definição de aldeia ou cidade, em suma, tudo aquilo de que o homem se serve, não é a única maneira de avaliar a existência quotidiana [...] De qualquer maneira, proporciona-nos um excelente ‘indicador’. (FUNARI, 2005, p.91)

Os vestígios que os homens deixaram ou deixam são indicadores que proporcionaram e proporcionam adentrarmos numa discussão sobre informação e documento, suas relações relevantes e seu percurso histórico. A esse respeito, cabe questionar: O que é informação? O que é documento? Podemos diferenciar informação de documento e/ou fontes históricas, e como um elemento essencial para a Ciência da Informação? Diante da ampliação de fontes históricas, quando e como se apresentam historicamente? Como discutir e explorar esses termos historicamente e como entrelaçá-los? Qual a relação entre Arqueologia para o documento histórico e para com a História? Como trazer para a discussão a questão da *cultura material* como foco?

Sob um ponto de vista teórico, privilegiamos os estudos que contemplam *informação* e *documento* sem deixar de considerar sua relação com a *memória*. Ressaltamos que os discursos dos estudiosos contribuíram para enriquecer este nosso trabalho e nos propiciou enveredar por caminhos antes desconhecidos. Tivemos o privilégio de conhecer e compreender, atualmente,

com o cruzamento de dados, outros termos, como: fontes históricas, fontes arqueológicas, fontes materiais, documentos históricos, cultura material e seus pesquisadores.

Assim como a História Oral, como um método de investigação que propicia uma associação com questões contemporâneas, como a análise de estudos voltados para questões sociais, o campo da Informação e da comunicação também se desenvolve dessa forma, como acentuam Oliveira e Galindo (2008, p.41):

[...] e ampliando o conhecimento busca-se defender que o saber tem valor e alcança seu objetivo, no momento em que pode ser utilizado pela sociedade como um todo, ajudando comunidades a conhecer sua própria história e a entender a razão de seus principais problemas sociais.

Sob o ponto de vista de Azevedo Neto (2007), a informação só tem existência quando é percebida como tal, e essa percepção só se estabelece quando, de algum modo, em alguma circunstância, é criada uma relação de significado. Isso nos faz chamar a atenção para o fato de não deixarmos de ressaltar que o surgimento das fontes históricas está tão próximo do surgimento da História quanto delas, e que o termo história foi citado pelos gregos antigos, que a designaram como “pesquisa” para se compreender as origens dos conflitos e das contradições de sua época. Um dos pioneiros nos estudos históricos foi Heródoto (485-424 a.C), no Século V a.C., com a obra *Histórias*, e os que o sucederam já faziam uso das fontes materiais, daquilo que nós chamaríamos, hoje, de fontes arqueológicas (FUNARI, 2005).

Diferentemente dos antigos, nós temos essa vantagem fundamental de nos apropriarmos e “olhar” para o objeto imediatamente recuperado e sua materialidade definida dentro do nosso presente. É importante ressaltar o predomínio atual da preocupação dos historiadores modernos com o documento escrito, que marcou, de certa forma, como a Arqueologia foi encarada por muito tempo como uma disciplina auxiliar, como uma fonte complementar apenas, às vezes, como uma mera ilustração. Mas, somente no Século XIX, como resultado da Filologia e da História, é que a cultura material passaria a ter um estatuto completamente diverso, não mais como objeto artístico, como modelo ou como curiosidade, para tornar-se fonte histórica (FUNARI, 2005).

Funari assevera que (2005, p.85) a fonte

[...] é originária do cientificismo que prevalecia no Século XIX, preocupada com a descoberta dos fatos verdadeiros. Fonte é uma metáfora, pois o sentido primeiro da palavra designa uma bica d'água, significado esse que é o mesmo nas línguas que originaram esse conceito, no francês, *source*, e no alemão, *Qual*. Todos se inspiraram no uso figurado do termo *fons* (fonte) em latim, da expressão “fonte de alguma coisa”, no sentido de origem, mas com um significado novo. Assim como das fontes d'água, das documentais jorrariam informações a serem usadas pelo historiador. Tudo que antes era coletado como objeto de colecionador, de estátuas a pequenos objetos de uso cotidiano, passaram a ser considerados não mais algo para o simples deleite, mas uma fonte de informação, capaz de trazer a novos dados, indisponíveis nos documentos escritos.

O autor nos faz refletir que todo e qualquer objeto, ou algo de que possamos extrair informações podem se tornar uma fonte de informação ou histórica. De acordo com essa reflexão sobre a informação, revelam-se vários aspectos em destaque, como por exemplo, o de que toda e qualquer informação pode ser escrita, em forma de objeto ou em outros formatos materiais que vão além do documento escrito. Enquanto o documento tem tudo a ver como ele é fisicamente, o pesquisador retira informações a partir de certos documentos, que retêm a informação e podem ter ou ser de diverso suporte, desde as pinturas nas cavernas até o computador, que é um suporte tecnológico e pode reter informações. Isso significa dizer que, para se efetivar como informações, os dados precisam estar materializados de alguma maneira, independentemente do suporte que as sustenta.

De acordo com Jabuti (2005, p.112), “as fontes tem sua própria história porque os interesses dos historiadores (e de outros pesquisadores) variaram no tempo e no espaço”, em relação direta com as circunstâncias de suas trajetórias pessoais e com suas identidades culturais. Os primeiros indícios humanos que foram deixados grafitos em cavernas que permitiram aos pesquisadores fossem eles arqueológicos, antropológicos ou etnológicos, levantarem hipóteses sobre diferentes modos de vida, destacando-se a escrita, responsável pela produção documental valorizada pelos pesquisadores até meados do Século XX.

A partir daí, as fontes se expandem, ultrapassam com as mudanças trazidas pela guerra – Revolução de 1917 – e o seu universo é ampliado ao recorrer a elementos topográficos, climáticos, biológicos, botânicos, psicológicos, vias de trânsito, rotas de circulação das ideias religiosas e políticas. Assim, os historiadores precisaram se voltar com mais ênfase para o campo das transformações e dos conflitos sociais, o que não se distancia muito da realidade atual em relação à pesquisa que estamos realizando.

Da imensa quantidade de material arqueológico que começou a vir à luz no Século XIX, os que mais atenção mereceram e continuam valorizados são as inscrições em pedra e em outros suportes duráveis, como cerâmica, tijolos, telhas, sarcófagos. A variedade de informações que surgiam transformaram de forma radical o próprio conceito de fonte histórica, pois, nas primeiras décadas do Século XIX, as duas grandes categorias eram os documentos de arquivos e as obras copiadas pela tradição textual.

O final do Século XIX e o início do Século XX viriam conhecer a ampliação de fontes arqueológicas, e isso se deveu tanto a avanços tecnológicos quanto a mudanças epistemológicas e políticas (FUNARI, 2005). Com a ampliação das fontes arqueológicas e históricas e dos documentos históricos, como materialidade ou como possibilidade de construção, a Informação – presente na discussão do social – exige uma interpretação da realidade, antes de ser analisada como uma categoria (OLIVEIRA; GALINDO, 2008).

Otlet (apud SILVA, 2006) foi o primeiro a usar os termos documento e documentação numa acepção moderna, que valoriza o conteúdo, em detrimento do suporte, antecipa e prevê a onipresença da Informação, em diferentes suportes, e usa a noção de documento em sentido amplo, pressentindo a multiplicação dos suportes da informação, todos igualmente portadores de memória.

A ampliação do conceito de documento e a multiplicação de suportes contribuíram para catalogar os acervos de objetos existentes nas coleções e desenhar e publicar, em livros e artigos científicos, as descrições detalhadas dos edifícios antigos que passavam da categoria do estético ou pessoal, para o científico e coletivo. Com o advento da fotografia, seriam então retratados por meio de imagens que se queriam neutras e objetivas.

Portanto, os primeiros documentos arqueológicos, antes mesmo de se iniciarem as escavações científicas foram todo aquele tipo de material acumulado na forma de ‘antiguidade’ que passavam por um processo de transformação em fonte científico de informação. (FUNARI, 2005, p.86).

Convém esclarecer que a História também passava por mudanças conceituais que iriam se aprofundar no decorrer do Século XX, com consequências profundas para o entendimento de fontes históricas, em geral, e arqueológicas, em particular. “Os grandes personagens, reis, imperadores, papas não eram mais compreensíveis sem os seus colegas de elite e mesmo sem as grandes massas de trabalhadores que permitiam que eles governassem [...]”. (FUNARI, 2005,

p.90). Isso tudo levou a uma ampliação considerável das fontes históricas, pois o pesquisador passava a se interessar pelas séries, pelas permanências, pelas trivialidades e pelo cotidiano das pessoas comuns. A Arqueologia passava a fornecer uma grande quantidade de informações, precisamente sobre tais aspectos do passado, já que a maioria que se encontra, em uma pesquisa arqueológica, são artefatos banais, em série, de uso cotidiano, assim como vestígios de casa vernaculares simples. O historiador e arqueólogo russo, Mikhail Rostovtzeff, um dos pioneiros nessa história pós-positivista, baseada não mais na tradição textual, mas calcada, em parte, nos vestígios arqueológicos do cotidiano. Ele publicou duas obras monumentais sobre o mundo antigo,

*História social e econômica do mundo helenístico e História social e econômica do Império Romano.* Sua narrativa, sobre o período helenístico e romano mostrava-se como uma interpretação, não como um relato do que aconteceu. [...] destacava, em notas alentadas, as origens de cada afirmação, a tal ponto que três quartas partes das cinco mil páginas de sua obra eram dedicadas às fontes, também em sua imensa maioria arqueológicas, tanto inscrições como artefatos sem escrita. (FUNARI, 2005, p.90).

Vale destacar o que nos diz Montenegro (2003, p.17) diante de um trabalho de História Oral: “À medida que os depoimentos populares são gravados, transcritos e publicados, torna-se possível conhecer a própria visão que os segmentos populares têm das suas vidas e do mundo ao redor”. Ele acrescenta, ainda, que a História Oral é um meio privilegiado para o resgate da vida cotidiana, tendo em vista que esta se mantém firmemente na memória, apesar de sofrer alterações como resultado de experiências posteriores ou mudanças de atitude.

Concordamos com Oliveira e Galindo (2008), quando referem que, para compreender o cotidiano, necessitamos do campo da comunicação e da informação, as quais se desenvolveram mais solidamente. Quanto mais se associe o entendimento das questões contemporâneas - como é o caso da recuperação de informações sobre a Antônia do Socorro - vale destacar que as concepções encontradas foram vindas das vozes dos corredores da escola, pessoas simples da comunidade da Escola Municipal Professora Antônia do Socorro - ao campo de pesquisas específicas, como vem se caracterizando em sua maioria a área da Informação e ampliando o conhecimento, busca-se defender que o saber tem valor e alcança seu objetivo, no momento em que pode ser utilizado pela sociedade como um todo, ajudando comunidades a conhecerem a própria história e a entendê-la.



Assim como nos detivemos sobre conceitos de informação e de documento partindo das reflexões de teóricos das Ciências Humanas - Arqueologia, Antropologia, História e outras - também nos propusemos a relacionar esses termos, trazendo à tona as suas abordagens a partir das Ciências Naturais e Exatas, destacadas pelos teóricos mais recentes, que se apropriaram do termo informação como sua principal fonte de informação e o surgimento de uma área mais recente, a Ciência da Informação.

De acordo com Capurro (2007, p.149), que sistematiza conceitos sobre informação e relaciona vários pensadores,

[...] a informação, no sentido de conhecimento comunicado, desempenha um papel central na sociedade contemporânea. O desenvolvimento e a disseminação do uso de redes de computadores desde a Segunda Guerra Mundial e a emergência da ciência da informação como uma disciplina nos anos 50, são evidências disso. Embora o conhecimento e a sua comunicação sejam fenômenos básicos de toda a sociedade humana, é o surgimento da tecnologia da informação e seus impactos globais que caracterizam a nossa sociedade como uma sociedade da informação.

A informação não é um elemento observável puro, mas um construto teórico. É um dado interpretado (CAPURRO, 2007, p.164) E com essa informação, qualifica-se como um instrumento modificador da consciência do indivíduo e de seu grupo social, pois sintoniza o homem com a memória de seu passado e com as perspectivas de seu futuro (BARRETO, 2002, p.49).

Com base em Le Coadic (2004), reforçamos que a informação insere-se em um ciclo composto por três fases: a construção, a comunicação e o uso. Elas se sucedem e são independentes. Tal modelização é simplificada e descreve, genericamente, os processos da informação. O objeto de estudo na área da Ciência da Informação, a informação, pode estar num diálogo entre cientistas - em comunicação informal - numa inovação para o setor produtivo - em patente - numa fotografia ou objeto, no registro magnético de uma base de dados ou numa biblioteca virtual ou repositório na Internet (PINHEIRO, 2002, p.62).

Como materialidade ou como possibilidade de construção, a informação – presente na discussão do social – exige uma interpretação da realidade, antes de ser analisada como uma categoria (OLIVEIRA; GALINDO, 2008). Indo ao encontro dessa reconstrução de informação, nesse sentido, temos que compreender a questão da cultura material, que consiste em priorizar um olhar sobre os artefatos, como produtos resultantes de uma ação individual e coletiva. E

nosso olhar se volta para os artefatos como elementos de memória e de identidade da cultura popular, carregados em si mesmos de informações fortes, capazes de uma decifração (OLIVEIRA; AZEVEDO NETTO, 2007).

E podemos reforçar, com o que nos coloca Silva (2006), a tentativa de definir a Informação. Ele a considera como um fenômeno humano e social, que deriva de um sujeito que conhece, pensa, emociona-se e interage com o mundo sensível à sua volta e à comunidade de sujeitos que se comunicam entre si. Situa-se, pois, entre o conhecimento e a comunicação. O processo comunicacional não pode acontecer sem as mensagens e os conteúdos - numa palavra, a Informação.

## 2.2 MEMÓRIA E ESTUDOS MEMORIALÍSTICOS

Pela memória, “os projetos do indivíduo transcendem o intervalo físico de sua existência” (BOSI, 1998, p.75). A história, para o sujeito, ultrapassa os limites do texto escrito. Ela se instala nas pedras da rua, nas paredes da sala, nas igrejas, nas praças públicas, nas pessoas com as quais convivemos. Pelas lembranças, vamos reconstruindo, revivendo a nossa história, alojada no que Santo Agostinho (1996, p.267-268) chama de “o grande receptáculo da memória”, onde todos os nossos desejos e sensações se encerram e de onde brotam no tempo oportuno (WANDERLEY, 2007, p. 19).

Na elaboração deste texto, tomamos emprestados vários estudos ou análises sobre a “memória”, que serviram como base para conhecermos e entrelaçarmos esse viés tão pesquisado em várias áreas do conhecimento, como por exemplo, nosso estudo sobre a reconstrução da memória da Antônia do Socorro, como pessoa e instituição. Vimo-nos na obrigação de tornar evidentes as colocações que nos ajudassem a compreender e tornar possível um cruzamento de conceituação sobre memória, relacionando-a e destacando estudos sobre a temática. Afinal, na atualidade, “estamos vivenciando uma profunda virada nos modos de pensar e reconstituir o passado” (DIEHL, 2002, p. 111).

No estudo de Wanderley, o conceito de memória é amplo e denota amplas possibilidades. Como afirma Le Goff (1994), o conceito de memória é crucial, porque, na memória, entrecruzam-se a lembrança e o esquecimento; o pessoal e o coletivo; o indivíduo e a sociedade, o público e o privado; o sagrado e o profano. Crucial porque, na memória,

entrelaçam-se registro e invenção; fidelidade e mobilidade; dado e construção história e ficção; revelação e ocultação (WANDERLEY, 2007).

As lembranças ressaltadas e apresentadas aqui são vivências fragmentadas, como rastros e restos de experiências perdidas no tempo, como pegadas do passado, praticamente. E quando essas lembranças são atualizadas, correm o risco de ser pontos de referência para romantizar o passado. As lembranças estão localizadas no passado de forma estática. Elas são elementos intransparentes, individuais e perdem gradativamente seus pontos de referência no tênue horizonte entre o passado e o presente (DIEHL, 2002, p.115-116).

Já a memória significa, aqui, experiências consistentes, ancoradas no tempo passado facilmente localizável. Memória possui contextualidade e é possível ser atualizada historicamente. Ela possui maior consistência do que as lembranças uma vez que é uma representação produzida pela e através da experiência. [...] Ela possui a capacidade de instrumentalizar canais de comunicação para a consciência histórica e cultural, uma vez que pode abranger a totalidade do passado corte temporal. (DIEHL, 2002, p.116)

Tudo isso nos faz conscientes de que a reconstrução de fontes históricas está associada, também, a uma memória social, cultural, material etc., pois, de acordo com Bosi (1994), a memória não é sonho, é trabalho; e que lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens de hoje, as experiências do passado. Tornar suas lembranças vivas e reconfigurar o presente pelos sujeitos que a vivenciaram a história do passado que a produz e traz para o presente.

A produção das lembranças reconstruídas pelas vozes dos que fazem a Escola Antônia do Socorro possibilitou que fossem transformadas e comparadas, podemos dizer assim, a sons soltos, que juntamos em uma partitura para uma orquestra acompanhar e tocar. Porém, sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reparição (BOSI, 1994). Diante da reconstrução desse processo da memória, o “homem faz intervir não só a ordenação desses vestígios, mas também a releitura desses vestígios” (CHANGEUX, 1972, p. 356).

Certamente, a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos, em primeiro lugar, ao conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passado (LE GOFF, 1994). Essas representações são estudadas em várias ciências humanas que cuidam não só do conceito,

mas também de todo o processo da memória – partindo, fundamentalmente, da História e da Antropologia - e se ocupam mais da memória coletiva do que das memórias individuais.

De acordo com Pollak (1992, p.200), os elementos que constituem a memória coletiva e a memória individual são os acontecimentos vividos pessoalmente ou “vividos por tabela”, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Além desses acontecimentos, a memória é constituída por *pessoas, personagens*.

Segundo Le Goff (1994), as ligações entre as diferentes formas de memória podem, aliás, apresentar caracteres não metafóricos, mas reais. Como exemplo, Goody (1977, *apud* LE GOFF, 1994) observa que, em todas as sociedades, os indivíduos detêm uma grande quantidade de informações no seu patrimônio genético, na sua memória, em longo prazo e, temporariamente, na memória ativa. Nesse sentido, não podemos deixar de tornar evidente a memória individual, que entendemos como lembranças. Segundo Diehl,

ela não está inteiramente isolada e fechada. Para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou. Mas toma emprestado de seu ambiente. Não é menos verdade que não conseguimos lembrar senão do que vimos, fizemos, sentimos, pensamos num momento do tempo, ou seja, nossa memória não se confunde com a dos outros. Ela é muito estreitamente limitada no espaço e no tempo. (2002, p.72)

Para Pollak (2002, p.200), a memória, *a priori*, parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também ou, sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes.

Na problemática da “memória coletiva”, explica Montenegro (2003), que situa o debate entre “memória coletiva”, o que convencionamos denominar de “memória histórica”. Esse autor apresenta os direcionamentos analisados por Halbwachs (1968), de forma detalhada, sobre a memória e suas dimensões individual, coletiva e histórica, e estabelece uma nítida distinção entre história e memória. Ele apresenta aspectos considerados e podem ser assim expostos: enquanto a memória é múltipla, a história é uma e podemos dizer que não há senão uma história; por outro lado, a memória trabalha com o vivido, o que constrói uma representação de fatos

distantes, ou mesmos onde ou quando se encerra a possibilidade de encontrar testemunhas daquela lembrança (MONTENEGRO, 2003).

Já Leroi-Gourhan, citado por Le Goff (1994), distingue três tipos de memória: a memória específica, a étnica e a artificial. Nessa obra, a memória é entendida em sentido muito lato. Não é a base, seja ela qual for e sobre a qual se inscrevem as concatenações de atos. Para falar de uma “memória específica”, para definir a fixação dos comportamentos de espécies animais, de uma memória étnica, que assegura a reprodução dos comportamentos nas sociedades humanas e, no mesmo sentido, de uma memória “artificial, eletrônica, em sua forma mais recente, que assegura, sem recurso ao instinto ou à reflexão, a reprodução de atos mecânicos encadeados” (LEROI-GOURHAN, 1964-65, *apud* LE GOFF, 1994, p. 425).

Não podemos deixar de ressaltar que a memória coletiva contém a memória individual, mas não se confunde com elas. Às vezes, determinadas lembranças individuais também a invadem e mudam de aparências a partir do momento em que são substituídas em um conjunto que não é mais uma consciência pessoal (DIEHL, 2002, p.72).

Na análise de Michael Pollak (1989), em seu artigo *Memória, esquecimento, silêncio*, ele retrata a memória coletiva, partindo do estudo feito por Halbwachs (1968), que enfatiza a força dos diferentes pontos que estruturam nossa memória e que a inserem na memória da coletividade a que pertencemos. Entre eles, incluem-se, evidentemente, os monumentos, esses lugares da memória analisados por Nora (1985), o patrimônio arquitetônico e seu estilo, que nos acompanham por toda a vida, as paisagens, as datas e os personagens históricas de sua importância que somos incessantemente lembrados, as tradições e os costumes, certas regras de interação, o folclore e a música e, por que não, as tradições culinárias.

Nos estudos realizados por Pollak (1989), ele refere, com base na tradição metodológica durkheimiana, que a memória coletiva consiste em tratar fatos sociais como coisas. Tratar fatos sociais como coisas, na tradição metodológica durkheimiana consiste, esses diferentes pontos de referência como indicadores empíricos da memória coletiva de um determinado grupo, uma memória também que, ao definir o que é comum a um grupo e o que o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras socioculturais. Nessa abordagem durkheimiana, a ênfase é dada à força quase institucional dessa memória coletiva, à duração, à continuidade e à estabilidade. Assim também, Halbwachs (1968), longe de ver nessa memória coletiva uma imposição.

É importante ressaltar que priorizamos em nosso estudo a memória coletiva, que propicia a reconstrução da memória individual e coletiva da Professora Antônia do Socorro, como pessoa e instituição.

### 2.3 FONTES DE INFORMAÇÃO

Os primeiros relatos da vida humana foram grafitos em cavernas com materiais contundentes, constituindo-se, com outros vestígios [...] – quando pequenas comunidades ágrafas deixaram indícios permitindo arqueólogos, antropólogos, etnólogos levantarem hipóteses sobre diferentes modos de vida. (JANOTTI, 2005, p.10)

Sabemos que existe uma variedade de fontes, ou suportes materiais, e iremos decorrer sobre elas, partindo da descoberta de pesquisadores, de historiadores, de antropólogos e de outros sobre as várias fontes de informação ou fontes históricas, que merecem destaque especial neste tópico, e traçar um percurso de como foram preciosas neste trabalho, ao mesmo tempo, inter-relacionando-as com aquelas que serão destacadas e servirão para a elaboração deste trabalho. As fontes de informação propiciarão uma abertura para o tópico seguinte, sobre as quais esclarecemos de que forma mapeamos essas fontes, ou de que forma foram selecionadas e exploradas para a construção da memória da Professora Antônia do Socorro e de que forma essas fontes de informação foram utilizadas.

A variedade de fontes, como nos afirma Janotti (2005) e destacamos anteriormente, é devido ao interesse e ao uso dessas fontes, que variaram no decorrer do tempo e do espaço, em relação direta com as circunstâncias de suas trajetórias pessoais e com suas identidades culturais. Por isso, nesta pesquisa, destacamos, como primeira fonte de informação que buscamos, as fontes históricas orais, que consistem na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de acontecimentos e conjunturas do passado da vida de Antônia do Socorro como pessoa ou os testemunharam e do presente da escola e da comunidade. Partindo desse pressuposto elaborado, levantamos e reconstruímos as fontes de informação.

Inicialmente, propusemo-nos a produzir fontes orais sobre Antônia do Socorro. Para isso, planejamos três momentos essenciais: a preparação das entrevistas - *um roteiro de entrevista* -, sua realização e seu tratamento. Concordamos com Alberti (2005), quando afirma que nem todas as entrevistas rendem o que se poderia esperar, do mesmo modo que nem todos os documentos de um arquivo textual são suficientemente “prolixos” em relação ao passado. Ou seja, às vezes, pensamos que certas entrevistas com certas pessoas irão nos render muitas informações sobre o objeto de pesquisa e, às vezes, é o contrário. E o caso inverso também pode ocorrer.

Detivemo-nos, também, na transcrição de todas as entrevistas, o que favoreceu a geração de documentos impressos. Outro aspecto se apresentou para essa tomada de atitude: precavermo-nos de futuros problemas de perda da informação, diante de uma tecnologia sempre em renovação, pois utilizamos a câmera digital, como suporte para facilitar a captação de informações relatadas e da imagem em movimento.

É importante ressaltar que, mesmo utilizando tecnologias novas, devemos sempre estar atualizando as informações, para evitar possíveis perdas. Então, nos prevenimos contra possíveis defeitos na gravação dos pequenos vídeos e contra a renovação tecnológica, que é um dos problemas detectados por vários teóricos, não só da informação como da área de tecnologia. Vale ressaltar que, devido ao advento da informática, a sua evolução tecnológica, desde a década de 1990, vem sendo difundida para todas as áreas do conhecimento, assim como o uso de computadores na recuperação da informação tem sido de fundamental importância (ANDRADE, 1999). Valendo-nos desse avanço tecnológico e do surgimento, quase que diariamente, de novos *softwares* para facilitar o registro das informações ditadas pelas vozes das pessoas que conheceram o nosso objeto de pesquisa, escolhemos utilizar o suporte digital para filmar e produzir pequenos vídeos e captar as informações sobre a pessoa, a escola Antônia do Socorro e a Comunidade Paratibe (bairro de João Pessoa/PB).

Outro foco que já destacamos, anteriormente, é que essas fontes orais foram transcritas e geraram fontes impressas. Podemos dizer que, mesmo vivendo em um mundo dominado por imagens e sons obtidos *diretamente* da realidade - tempo presente, ou como informam as mídias “ao vivo” -, seja pela encenação ficcional, seja pelo registro documental, por meio de aparatos técnicos cada vez mais sofisticados, que nos é dado a ver e a ouvir, fatos importantes e banais, pessoas públicas e influentes ou anônimas e comuns e que não podem passar despercebidos pelos

pesquisadores ou ficam fora da sociedade do conhecimento, acreditamos ser importante também o registro escrito.

Reafirmamos, ainda, que as fontes audiovisuais e musicais ganham, crescentemente, espaço na pesquisa histórica e informacional (NAPOLITANO, 2005). Essas transformações na pesquisa informacional nos direcionam para outros objetos culturais que nos possibilitaram trazer e recuperar dados importantíssimos para o nosso trabalho, como os artefatos.

Assim, pensar os artefatos enquanto objeto de manifestação da cultura popular é definir campos e estabelecer fronteiras. Por exemplo: o povo, ao materializar com as mãos as histórias ouvidas desde a infância, transforma, num gesto mágico, o barro, a corda, o algodão, a madeira, a tábua, o couro, frutificando obras de arte como bonecas, máscaras, animais, seres imaginários, panelas, potes, sapatos, sandálias entre muitas outras criações. (OLIVEIRA, AZEVEDO NETTO, 2007, p.29).

Podemos dizer que os artefatos encontrados, como a *bolsa de couro* e o *busto*, concretos, com formas definidas, representam, tanto no sentido material quanto no simbólico, o reflexo da cotidianidade a que os indivíduos estão submetidos pela sua cultura material de vida (AZEVEDO NETTO, 2005). A forma de se vestir de Dona Antônia, ao utilizar os tecidos de alta qualidade, como a cambraia<sup>4</sup> de linho bordado e a bolsa de marca, seguindo o que nos foi contado por vários entrevistados, chamou-nos a atenção, também, para o fato de essa mulher morar numa casa de taipa, durante certo período da sua vida. Isso não revela uma discordância nesse dois aspectos, principalmente, se acrescentarmos que ela era proprietária do Sítio Paratibe? Retomaremos essa questão nos capítulos seguintes.

Outro objeto que nos chamou a atenção foi o *busto* de Dona Antônia do Socorro, que representa sua imagem e que consiste de uma representação escultural ou pictórica da cabeça humana, com o pescoço e uma parte do peito; a parte do corpo humano, da cintura para cima. O busto é um objeto tridimensional. Esse objeto/documento possibilitou e favoreceu termos uma visão mais “real” da fisionomia de Dona Antônia, razão por que foi registrado e transformado em forma bidimensional para expormos neste trabalho acadêmico. “A multiplicação de documentos audiovisuais, em especial, a fotografia, exige o estudo de seu significado e de seu conteúdo cultural enquanto registro da história.” (MIGUEL, 1993, p. 121). Entretanto, a fotografia, como documento ou instrumento de pesquisa, só foi utilizada como

<sup>4</sup> “Tecido feito com fio extraído da fibra do linho: camisas de excelente linho. “E bordava o linho para o seu noivado”. [Martins Fontes, Verão, p. 238]”. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Coord. Maria Baird Fermin, Margarida dos Anjos. 4 ed., Curitiba: Ed. Positivo, 2005.



reprodução de condições materiais até bem recentemente. A ausência da utilização da fotografia decorreu, por um lado, dos limites determinados pelo seu desenvolvimento tecnológico – que restringiam as chamadas fotografias espontâneas e impunham as fotografias posadas, renegadas, que as consideravam meros instantes congelados da realidade, sem valor informativo de prova (MIGUEL, 1993). Vale destacar que a maior parte dos objetos recuperados tornou-se iconográficos digitais, que serão expostos no capítulo seguinte.

Além desses objetos de campo descritos e que revelam parte da vida de Dona Antônia, podemos também ressaltar outros elementos não materiais, como as festas que gostava de participar e que foram descritas pelos entrevistados, o que proporcionou a elaboração do seu quadro de festas, contadas pelas lembranças das vozes dos corredores da Escola.

### 3 FONTES DE INFORMAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA: coleta e análise

As lembranças do grupo doméstico persistem matizadas em cada um de seus membros e constituem uma memória ao mesmo tempo una e diferenciada. Trocando opiniões, dialogando sobre tudo, suas lembranças guardam vínculos difíceis de separar. Os vínculos podem persistir mesmo quando se desagregou o núcleo onde sua história teve origem. Esse enraizamento num solo comum transcende o sentimento individual (BOSI, 1994, p. 423).

Para construir a memória de Antônia do Socorro, detivemo-nos, principalmente, nas fontes orais, nos depoimentos das pessoas, que nos levaram a outros vestígios em busca dos quais havíamos saído, para confrontá-los com a realidade descrita pelas vozes dos corredores da Escola.

A entrevista semiestruturada, como primeiro suporte técnico para a elaboração deste trabalho, foi utilizada porque tivemos que lançar mão de perguntas semiprontas para não haver um desencontro ou até mesmo um prolongamento de respostas entre os entrevistados, o que dificultaria nosso trabalho na etapa de sistematização dos dados. Todos os entrevistados conheceram previamente o assunto em estudo - Antônia do Socorro, pessoa e escola e a comunidade Paratibe.

As entrevistas foram marcadas com antecedência, e os entrevistados ficaram sabendo a data, a hora e o seu provável tempo de duração. Conscientizamos os entrevistados do processo que estava sendo realizado, da necessidade de utilizar suas respostas no trabalho acadêmico e de que suas respostas seriam utilizadas e tornadas públicas para que as pessoas tomassem conhecimento das informações relevantes ao estudo.

Montenegro (2003, p.27) refere que

os depoimentos divulgados começam a criar uma outra referência histórica, cultural, que até então estava circunscrita apenas a sua própria classe, pequenos grupos de amigos e familiares. A vida, as experiências, as lutas, as visões de mundo, o trabalho adquirem um novo estatuto ao serem socializados. Transformam-se em documentos apresentando um retrato com outras versões/representações construídas de outros lugares e por outros interlocutores. A diferença significativa é que a fala, a história, a representação não são descoladas do sujeito.

Para isso, utilizamos como registro dos depoimentos das pessoas entrevistadas a filmagem de pequenos vídeos na máquina digital de marca Cânon, com duração da memória de três minutos e meio, que estavam ao nosso alcance. Foram realizadas doze entrevistas semiestruturadas, sendo as primeiras em 2009, e as últimas em junho de 2010.

Dos entrevistados, nós nos detivemos, primeiramente, com os familiares de Dona Antônia do Socorro, como os (as) sobrinhos (as), que são Ivanilse da Silva Santos (mais conhecida como Vó), Ivanilda Santos Alves da Silva (conhecida como Mocinha), Lenildo da Silva Santos (conhecido como Tenente), Roberto da Silva Santos (conhecido como Pelé), Joelma da Costa Santos; o viúvo, senhor Getúlio Machado da Silva. Depois, os colegas de trabalho, que se transformaram em amigos, como: a diretora da Escola Municipal Professora Antônia do Socorro, Estela Maria Reis de Carvalho; a secretária, Ivete Maria Souza da Silva; Elizabeth da Paixão Rodrigues, professora polivalente; Lourdes dos Santos, inspetora, e ainda, os (as) alunos (as) que participaram como entrevistadores e entrevistados do 9º ano em 2009: Ítala Nande de Brito Macedo, Janine Ferreira da Silva<sup>5</sup>, José Roberto Freire dos Santos, Michael Douglas Matias da Silva. Esses alunos foram escolhidos por estudarem na escola desde muito novos e conhecerem os parentes de Dona Antônia do Socorro.

Tivemos, no ano de 2010, a participação dos (as) alunos (as) entrevistadores (as) do 9º ano, a saber: Daniele Rodrigues da Silva, Deivesson Ermínio, Yara, Raiza dos Santos Cordeiro. Não foi possível entrevistar esses alunos, devido ao curto espaço de tempo para concluirmos esse trabalho. Mas ficarão para a próxima etapa de outro projeto, que retomaremos futuramente, pois a construção da memória de Antônia do Socorro, como pessoa e escola, não se encerra com esta monografia.

Nas primeiras perguntas elaboradas no roteiro da entrevista, procuramos ressaltar fatos relacionados à pessoa de Dona Antônia e descobrir a aproximação dos entrevistados com ela. Procuramos redescobrir o que cada um poderia recuperar de suas lembranças sobre a pessoa, sobre a profissional e também sobre a instituição, pois, como diz Bosi (1994, p. 53), “a lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembranças”.

---

<sup>5</sup> Essa aluna não aceitou ser entrevistada.

Assim, as imagens que vêm à memória das pessoas sobre Antônia do Socorro, nos primeiros depoimentos, como nos disse sua sobrinha *Ivanilse*, é uma imagem-lembrança positiva, sempre permeada de bons sentimentos, como mostram as falas seguintes:

“O que foi mais marcante foi o trabalho que ela deixou pra mim, porque quando minha mãe faleceu, ela batalhou e conseguiu pra mim e foi gratificante, e eu agradeço a Deus né, ela ter dado essa oportunidade pra mim, antes de ir embora, foi essa memória que marcou a minha vida” (*Ivanilse*, sobrinha).

“O que minha memória percebe foi depois que eu perdi ela. O momento mais importante foi ela ter me criado” (*Lenildo*, sobrinho, mais conhecido como Tenente, que se sente privilegiado por ter sido criado desde pequeno por Dona Antônia do Socorro).

“Cheguei a conhecer minha tia, ela era uma segunda mãe de criação” (*Roberto*, sobrinho, que estudou no Colégio Antônia do Socorro).

“[...] ela era uma pessoa muito respeitada pelas autoridades do município, não só o prefeito. Olha só, o prefeito já comeu na mesa dela e era uma casa simples de taipa” (*Estela*, diretora atual da escola).

Essa forma marcante de ser de Dona Antônia também foi enfatizada por sua sobrinha-neta *Joelma*, que diz: “[...] não só com as autoridades, mas também com as pessoas dentro da própria comunidade. Ela (*Antônia do Socorro*) tinha muito prestígio em Paratibe, principalmente, no Marimbondo”<sup>6</sup>. “[...] ela ajudou muitas pessoas dali, e eu tenho certeza que muita gente que lembra dela lá, porque tinha muita gente que passava fome, e ela mandava os meninos pra escola, lá tem lanche, você toma café da manhã e almoço. Ela tinha o coração aberto. Era uma pessoa que não dava se não tivesse, mas se ela tivesse ela tirava pra dar, então ela mesma dizia ‘eu preferia ficar sem comer do que ver outras pessoas da comunidade passando fome’.

Nessas falas, evidencia-se o que *Bosi* conseguiu perceber também em seu estudo:

Nessa linha de pesquisa, as relações a serem determinadas já não ficarão adstritas (*restrita*) ao mundo da pessoa (relações entre o corpo e o espírito, por exemplo), mas perseguição a realidade interpessoal das instituições sociais. A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo. (*BOSI*, 1994, p.54, grifo nosso)

<sup>6</sup> Marimbondo é uma pequena comunidade, em que mora gente necessitada, de baixa renda e que sofre com a violência praticada por marginais. Fica dentro da comunidade Paratibe. Algumas crianças e jovens que moram nesse lugar estudam na Escola Municipal Professora Antônia do Socorro.

O envolvimento/participação neste trabalho não foi apenas de parentes, como dissemos anteriormente, mas também de outros indivíduos que não tinham relação de parentesco com Antônia do Socorro e tiveram vontade de participar para comentar e expor sobre sua pessoa - os colegas e amigos de trabalho e outros que tiveram ou que viram de relance sua figura marcante no dia a dia.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, procuramos por vestígios em pessoas que pudessem nos ajudar sobre o assunto em foco, ou seja, Antônia do Socorro, como pessoa e instituição. Vamos deixar bem claro que não houve um processo de seleção *a priori*, no caso de os alunos que nos ajudaram, pois eles mesmos se propuseram a integrar este projeto, desde o primeiro momento em que foi proposto em sala de aula. Dentre esses alunos, existem os da turma do 9º ano de 2009, que chegaram a concluir o ensino fundamental II, e os alunos da turma atual, que também estarão concluindo no final desse ano de 2010.

Iniciamos apresentando os alunos da turma de 2009:

*Michael* - Estudou na Escola Antônia do Socorro durante sete anos. Foi entrevistado e entrevistador. Morador da Comunidade Muçumagro, ele nos disse que não chegou a conhecer Dona Antônia, mas conheceu alguns dos seus parentes: “Eu conheci alguns parentes dela, inclusive um estuda comigo no 9º ano, o nome dele é Ivaldo. Conheço algumas pessoas que trabalham na escola: Vó (Ivanilse) e Mocinha (Ivanilda), que trabalham na limpeza da escola; Joelma, *sobrinha-neta de Dona Antônia*, que trabalha na secretaria, e Dedé (Genildo), que é o vigia da escola”.

As pessoas foram citadas por Michael pelo apelido porque ele próprio desconhece seus verdadeiros nomes. Esse é um fator cultural, que foi esclarecido e detectado em uma das entrevistas da secretária Ivete que, também como a própria Antônia do Socorro, percebeu, em seu período de ensinamento, que todas as crianças eram conhecidas no bairro por seu apelido. Quando chegou à Escola, ela detectou que as crianças perdiam suas identidades, não sabiam os seus nomes: “Era comum aqui antes eles serem tratados pelos colegas, e em casa só era conhecido por apelido e a vizinhança e, quando ingressavam na escola por apelido” (Ivete). Essa realidade não mudou muito entre os parentes de dona Antônia, porque ainda continua até hoje, principalmente, com os próprios sobrinhos, porque todos eles são conhecidos pelos apelidos, poucos conhecem seus nomes verdadeiros.

No depoimento da aluna *Ítala*, ela assim se expressa: “Desde 1992 que eu estudo na escola. E cheguei a conhecer Dona Antônia, ela era uma pessoa extrovertida, gostava de usar roupa florida, roupa decotada, legal, ela era forte, baixa”.

O aluno *José Roberto* nos fala do tempo em que estudou na Escola: “Faz 11 anos que estudo no colégio Antônia do Socorro Silva Machado. Bem eu não cheguei a conhecer a dona Antônia do Socorro, ouvi falar dela, ouvi falar que ela era uma pessoa bem trancada, gorda, todo mundo sabia que ela era”.

Podemos dizer que ficou registrado na memória do aluno o que chamamos de lembranças que nos foram repassadas.

É importante registrar que, antes da realização das entrevistas propriamente ditas, extraímos, informalmente, de alguns colegas de trabalho de Dona Antônia do Socorro características relevantes sobre sua pessoa. Foi assim que nos apropriamos de algumas informações e tivemos a ideia de criar um texto dramático sobre momentos vividos com as pessoas que eram próximas a ela, ao qual chamamos de “*Dona Antônia, a amiga imaginária*” (Apêndice B), e que se transformou em uma peça teatral, que foi apresentada no Festival de Teatro Universitário do Lima Penante em 2009. O referido texto foi readaptado de outro texto, “*Um amigo imaginário*”, e transformado e adequado para a vida corriqueira da escola atual e o que acontecia dentro dela, unindo o passado de Dona Antônia do Socorro ao presente, ou seja, as histórias contadas sobre Dona Antônia, da forma como agia frente a alguns problemas na escola e com os seus colegas e alunos e outras passadas atualmente.

Para compor cada personagem, procuramos vesti-los de acordo com o que imaginávamos que seria a imagem real das pessoas representadas no texto e na peça e que seriam de acordo com o que nos foi descrito nos depoimentos dos entrevistados. Assim, o enredo da peça também não ficaria longe do que tinha sido descritos por algumas das personagens fictícias, mas criadas a partir da realidade.

Para caracterizar Dona Antônia, fomos em busca de brincos de argolas grandes. Porém, tivemos uma grande surpresa, ao descobrir, por meio de alguns dias após a sua entrevista, que dona Antônia não gostava e nunca usou brincos de argolas. Soubemos disso através de Estela<sup>7</sup>, que nos contou que também ficara sabendo por ocasião do seu aniversário, quando a presenteou

---

<sup>7</sup> Estela é a diretora da escola e conviveu com Dona Antônia do Socorro por muitos anos. Não foi possível gravar essa conversa.

com um par de brincos de argolas, mas Dona Antônia lhe agradeceu e disse que iria guardá-los apenas em consideração a ela, mas nunca os usaria. Esse comentário não foi gravado, mas resolvemos transcrevê-lo por considerar esse aspecto muito significativo para a construção da identidade de Dona Antônia.

Reproduzir aspectos característicos da imagem de Dona Antônia, tanto para a peça quanto para o nosso trabalho, alertou-nos para o fato de ela não gostar de brincos de argola, o que nos levou a fazer alguns questionamentos: Por que ela não gostava desse tipo de brinco e não usava? Por que esse desgosto pelo brinco de argola? O que representou esse símbolo para Dona Antônia? Esse fator poderá ser respondido?

Não podemos deixar de expor que outros aspectos foram comentados informalmente pela professora e diretora adjunta (atual), Jandira Pontes Morais de Sousa<sup>8</sup>. Certa época, em que estava passando por muitas atribulações na sua vida, porquanto havia perdido todo o dinheiro da feira do mês e ficou desesperada, sem saber como conseguir a mesma quantia para comprar a sua feira, ao chegar à Escola, ela deixou transparecer o seu desespero e comentou com todos o que acontecera. Ao saber do fato, Dona Antônia conseguiu montar uma cesta com vários ingredientes consumíveis e outros produtos que Jandira não podia nem imaginava comprar, para sua feira e lhe entregou a cesta. Muito grata, até hoje, Jandira não esqueceu essa atitude de Dona Antônia que, segundo Jandira, também atuava como conselheira de casais.

Outro fator importante é que não foi possível gravar esse fato citado acima, assim como algumas entrevistas devido ao curto espaço de tempo, por causa do trabalho a ser desenvolvido e cumprido. Mas, não podemos deixar de retratar o quanto a pessoa de dona Antônia do Socorro gerou interesse de muita gente. Quando, em certo momento, ao conversarmos sobre o que estávamos pretendo fazer sobre “ela” dentro da Escola Municipal Professora Antônia do Socorro e o que nos propormos entrevistar algumas pessoas que conviveram, conheceram e tiveram contato direto ou indireto com Dona Antônia, houve pessoas que, mesmo não tendo tido contato algum com ela, contou-nos detalhes interessantíssimos que sabia a seu respeito.

Pessoas que a tinham visto de “relance” chegaram até nós e nos falaram sobre ela e citaram algumas de suas características - a forma como se vestia, como andava e suas ações diante das ocorrências desagradáveis da vida: “Ela era sempre no salto alto, roupa de linho, com uma bolsa sempre pendurada no braço, muito bem maquiada”. Essa descrição nos foi passada por Regina

---

<sup>8</sup> Não foi possível gravar a entrevista, ficou somente numa conversa informal.

Maria Lima<sup>9</sup>, professora de Educação Física, que trabalha há vários anos na Escola, que não chegou a conviver com Dona Antônia na Escola, mas a conhecia pelas ruas da cidade.

A professora Maria Leonice Bezerra Alves também conviveu com Dona Antônia durante muitos anos e vivenciou momentos agradáveis e engraçados junto com ela. Aquela chegou a nos contar, numa conversa informal, um episódio que houve com um bolo que ela lhe encomendara para comemorar o aniversário de uma professora. Esse fato tem destaque especial na fala da personagem Nice, criada a partir da pessoa de Leonice, para a peça teatral. Várias pessoas chegaram a nos dar informações sobre a pessoa, a escola Antônia do Socorro, e até mesmo das suas benevolências, solidariedades, mas não foi possível fazer a entrevista com elas, não em um suporte eletrônico, mas na nossa memória. Assim como outros, ela foi uma das primeiras a trabalhar na Escola, desde a época de Dona Antônia. A outra foi a professora Regina Maria Lima, que não conviveu com ela, mas a via no Mercado Central do centro de João Pessoa, pois tanto uma quanto a outra faziam feira nesse mesmo local.

A presença física de Dona Antônia era marcante e virou foco de grande interesse não só para os conhecidos, parentes e amigos como também para pessoas que não tiveram contato direto com ela, pois a sua forma de ser chamou a atenção do que a desconheciam, principalmente, porque ela era a Diretora da Escola – devido ao seu jeito de ser.

Outro momento que mais chamou a nossa atenção foi a entrevista do sobrinho Roberto, que nos possibilitou conhecer as músicas prediletas de Dona Antônia, uma delas, por exemplo, é “Maracangalha”, de autoria de Dorival Caymmi, que ela gostava muito de cantar em casa, e cuja letra, extraída do CD Samba, apresentamos a seguir:

Eu vou só, eu vou só, eu vou só  
 Eu vou pra Maracangalha, eu vou  
 Eu vou de uniforme branco  
 Eu vou de chapéu de palha, eu vou  
 Eu vou convidar Anália, eu vou  
 Bis [Se Anália não quiser ir, eu vou só, eu vou só, eu vou só]  
 Eu vou só sem Anália, mas eu vou  
 Eu vou só, eu vou só, eu vou só

Além de “Maracangalha”, outras músicas foram indicadas, e trechos foram cantados, como por exemplo: “*Ninguém tem pena de mim. Só percebi no fim teu fim*”<sup>10</sup>. Segundo, ainda, Roberto, essa

---

<sup>9</sup> Não foi possível entrevistar essa professora. Essas informações foram cedidas em conversas informais.



era a música que eles cantavam juntos. Outra música que Dona Antônia gostava e a usava para celebrar as pessoas aniversariantes era: *“Feliz aniversario, junto com os seus, muitas felicidades. Que Deus resplandecente, muita luz. Deus te guarde, Deus te guie e te ajude a caminhar, no caminho da felicidade”*<sup>10</sup>. Ao nos dar essas informações, Roberto ficou muito emocionado, pois, além de ser sobrinho, também era o parceiro de cantorias nas festas dela.

Além de gostar muito de cantar e de música popular brasileira, Dona Antônia do Socorro era uma mulher muito festeira, como podemos perceber no **quadro 1**, apresentado a seguir, e relatado pelos entrevistados que participaram das festas realizadas que ela promoveu dentro e fora da Escola.

ENTREVISTADOS E PARENTESCO	LEMBRANÇAS SOBRE AS FESTAS DE DONA ANTÔNIA
Ivanilse da Silva Santos e Ivanilda da Silva Santos (2009) são irmãs e sobrinhas de Dona Antônia do Socorro; trabalham na Escola há 21 anos, onde exercem a função de auxiliar de serviço.	“[...] ela dançava até com os meninos ai brincando quando era festa, era uma pessoa muito alegre ela (Que tipo de dança?), Eita, deixa eu ver, assim quando era o dia dos pais, ela chamava os pais para dançar, (agora o forró que eu estou me lembrando, diz Ivanilda) não sei não, (quadrilha?), é quadrilha, qualquer coisa [...]”
Ivete Maria Souza da Silva (2010), amiga e colega de dona Antônia, trabalha há 24 anos na Escola, exercendo a função de secretária.	“[...] a festa de inauguração da casa nova dela, da que ela estava muito feliz. E outra quando eu entrei aqui, na escola. Eu estranhei porque de onde eu vinha, não era assim, comemorado todas as datas, principalmente, os aniversários de todos os funcionários, ela fazia bolo, ela matava galinha, chamava a gente pra casa dela”.
Estela Maria Reis de Carvalho (2009) foi supervisora escolar na direção de Dona Antônia e é a diretora geral da escola há 16 anos	“E eu me lembro de uma época de um almoço nosso, aqui, quando todo mundo queria vir no nosso desfile, o nosso desfile era aqui na principal que ainda era de barro, e a gente não desfilava no Valentina. E no dia desse almoço, ela ficou de saia

<sup>10</sup> Desconhecemos o título, o autor e a letra completa da música.

<sup>11</sup> Dessa música, desconhecemos, também, o título, o autor e a letra completa.

	justa, vieram pra cá dois vereadores de partidos opostos. E o almoço aqui lindamente pronto”.
Roberto da Silva Santos (2009), sobrinho de Dona Antônia, estudou na Escola.	“[...] a gente cantava e participava em festas que a gente cantava juntos, cantava pra os aniversariantes e ela sempre me chamava pra que eu cantasse junto com ela e a gente fazia aquela festa [...]”.
Joelma da Costa Santos (2009) é sobrinha-neta de Dona Antônia, estudou na Escola e trabalha há três anos - no primeiro, como professora, e nos outros anos, na secretaria, como auxiliar técnico.	“Não podia faltar na escola, era festa das mães e festa das crianças quando chegava o dia das crianças ela chegava com uma sacola de brinquedos, ninguém via nem o rosto, só a sacola cheia de tanto brinquedo que ela trazia pras crianças. Era as festas principais aqui, dia das mães todo mundo ganhava presente [...]”
Elizabeth da Paixão Rodrigues (2010) conviveu com dona Antônia e é quase parente dela; trabalha na Escola há 25 anos e, atualmente, atua como professora polivalente.	“Na época ela tinha terminado o LOGOS junto com a minha mãe né, e tinha feito uma festança aqui na Escola, foi festa viu”.
Lourdes dos Santos (2010) conviveu alguns anos com Dona Antônia; trabalha na Escola há 20 anos, exercendo a função de inspetora.	“Pra mim, foi uma surpresa muito grande com apenas, acho que 2 meses que aqui cheguei, né. Então uma grande festa esse aniversário”.

**Quadro 1:** Lembranças das festas de Dona Antônia do Socorro.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2009-2010.

No **quadro 1**, nosso objetivo principal foi tornar visíveis as festas a partir das lembranças recaptuladas por nossos convidados dessa cerimônia acadêmica e mostrar os tipos que organizavam e participavam desse processo. Contudo, precisamos ficar atentos, pois, segundo Montenegro (2003, p.19), “[...] embora parta do real, do fato, do acontecido, o processo da memória se descola e passa a operar através de uma dimensão onde as motivações inconscientes e subjetivas constituem o vetor determinante da construção desse quadro”.

O busto de Dona Antônia, que fotografamos em uma reprodução tridimensional da sua imagem, tem alguns aspectos bastante chamativos: foi pintado de preto – talvez para lembrar a cor da sua pele - e suas feições, sua roupa e seu colar foram reproduzidos de forma bastante real (ver foto 5). O busto foi esculpido pelo senhor Oseas, cuja assinatura consta atrás da obra, e foi uma homenagem feita pelo próprio marido.

A materialização das memórias orais recuperadas e deixadas por Dona Antônia de sua experiência vivida e até mesmo individualmente exposta pelo coletivo das pessoas, suas doces lembranças do seu passado, suas memórias de sua trajetória de vida, os flagrantes sensacionais, ou ainda as mensagens codificadas em signos ficaram registrados não só pelas fontes orais como também pela fotografia, como podemos constatar mais abaixo.

Procuramos também recuperar as placas luminárias da Escola antiga e da de hoje e algumas fotografias antigas da Escola, com pessoas que nela trabalharam.



**Foto 1:** Momento de festa, formação dos alunos no Ensino fundamental I.  
Fonte: Acervo de Ítala Nande de Brito Macedo

Na **foto 1**, como fonte de informação, podemos perceber detalhes essenciais. Primeiro, que a escola era denominada de Escola José Peregrino de Carvalho. Segundo, dos funcionários

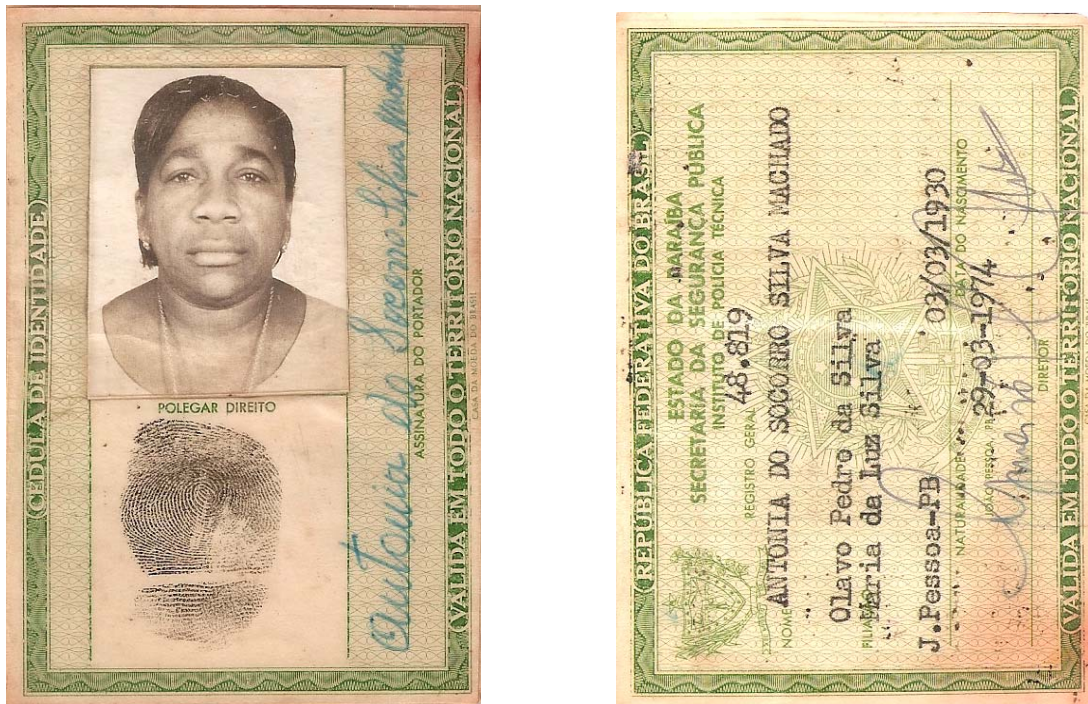
da época e de hoje, apenas alguns continuam na escola. Na primeira fila, da direita para a esquerda, temos algumas pessoas conhecidas, como: a diretora Estela Reis (a segunda, da direita para a esquerda e vestida de branco); a aluna Ítala (a penúltima, de branco). Do lado esquerdo para o direito, temos: Ivanilda (Mocinha), Cícera (ex-cunhada de Mocinha) e a irmã da diretora. Na segunda fila, temos: do lado direito da foto, Ivete, secretária da escola.



**Foto 2:** Entrega do canudo à aluna Ítala, realizada pela irmã de Estela pela conclusão do Ensino Fundamental I (Foto gentilmente cedida).

**Fonte:** Acervo de Ítala Nande de Brito Macedo





**Foto 3:** Identidade pessoal de Dona Antônia do Socorro (Documento gentilmente cedido pelo senhor Getúlio)  
**Fonte:** Acervo do senhor Getúlio



**Foto 4:** Casa nova de Dona Antônia do Socorro  
**Fonte:** Acervo pessoal S.M.B.L.

Essa foto mostra a casa que foi descrita pela secretária da escola, Ivete, que compareceu à inauguração da mesma. Diferentemente da antiga moradia de Dona Socorro, como nos conta em

depoimento o viúvo, senhor Getúlio, “A casa aqui era tudo de palha. Palha assim, a casa subindo de barro de madeira e coberta com palha de coco”. Dona Antônia chegou a morar nessa casa poucos meses e teve pouco tempo para usufruir dela, visto que, poucos meses depois de ser construída, ela não resistiu à doença e faleceu, como nos contou o seu marido.



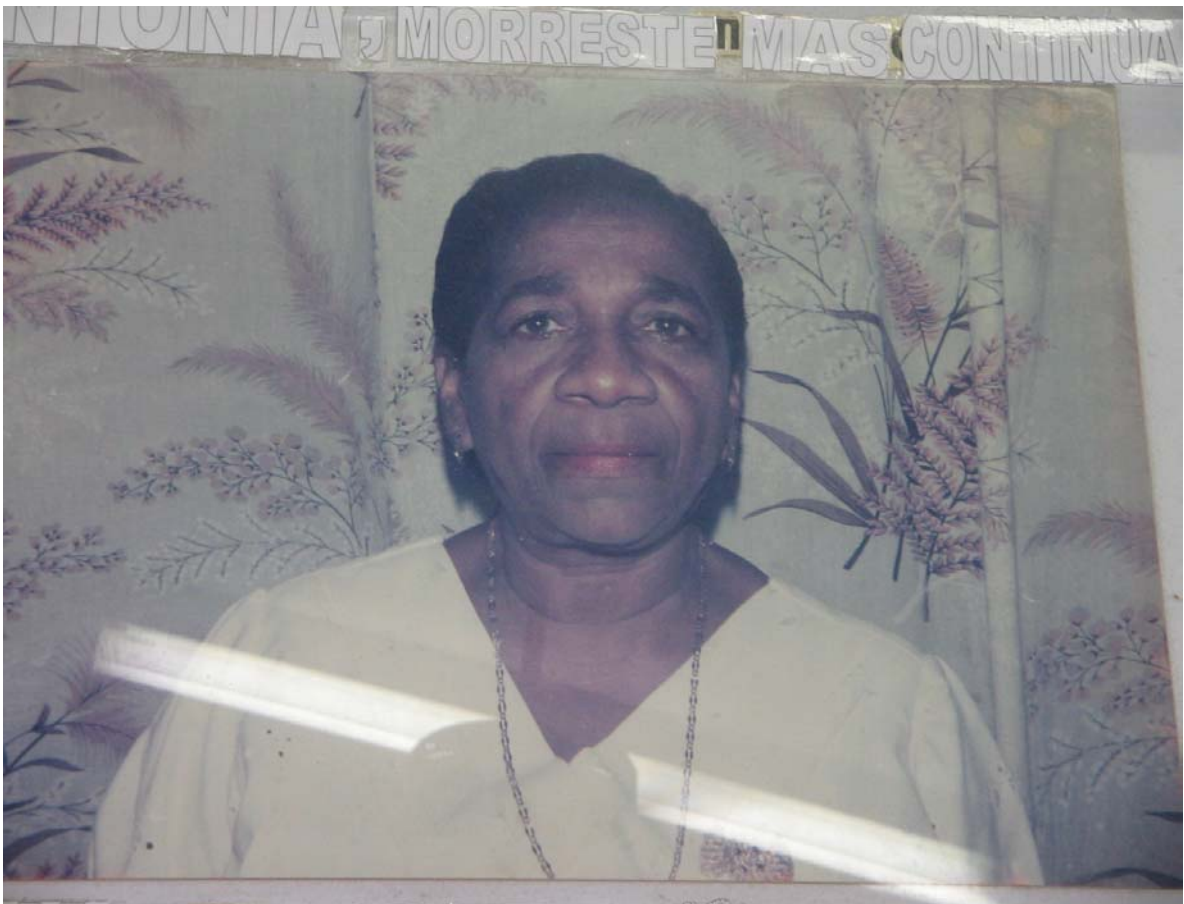
**Foto 5:** Busto em homenagem a Dona Antônia do Socorro construído após sua morte.  
**Fonte:** Acervo pessoal S.M.B.L.

As características físicas de Dona Antônia do Socorro, como podemos ver nesse objeto tridimensional - mas que se transformou num objeto bidimensional - são percebidas com detalhes. Eles haviam sido descritos pelas pessoas que se propuseram a falar sobre ela. Percebemos na figura retratada, por exemplo, o colar e o tipo de decote usado no vestido. O artista pegou detalhes marcantes de sua fisionomia como também da sua forma de se vestir, os quais aparecem bastante sugestivos na roupa, cujo tecido parece com linho e somente



proporcionaria essas dobras. Podemos fazer um entrelaçamento entre essas características destacadas no busco e o documento de identidade, como formadora de uma identidade cultural.

*Os objetos relacionados acima e abaixo podemos construir uma identidade de Dona Antônia do Socorro, seja ela material ou cultural. Essa identidade como resultado da produção cultural. A identidade é construída pelas relações que o sujeito mantém com a cultura. A identidade permite que o sujeito se localize em um sistema social e cultural e seja localizado por ele. A cultura, a memória e a história constituem um movimento que conduz a síntese da identidade, sem as quais essa não seria possível de existir, de forma, afirmativa. (WANDERLEY, 2007, p.10, grifos nosso)*



**Foto 6:** Reprodução da foto de Dona Antônia do Socorro (O original se encontra na Secretaria da Escola)

**Fonte:** Acervo da Escola Municipal Antônia do Socorro Silva Machado

Nossas fontes de informação também são constituídas por documentos escritos e placas inaugurais, presentes em toda a escola, assim como objetos pessoais de Dona Antônia.



**Foto 7:** Bolsa de Dona Antônia do Socorro (Cedida gentilmente pelo viúvo).

**Fonte:** Acervo do senhor Getúlio



**Foto 8:** Interior da bolsa de Dona Antônia do Socorro

**Fonte:** Acervo do senhor Getúlio





**Foto 9:** Placa referente à fundação da Escola Municipal José Peregrino de Carvalho, antigo nome da Escola Antônia do Socorro  
**Fonte:** Acervo pessoal S. M. B. L

A Escola José Peregrino de Carvalho foi fundada em 1972, no governo de Ernani Sátiro, quando a cidade de João Pessoa era administrada pelo prefeito Dorgival Terceiro Neto (1971-1974)<sup>12</sup>.



**Foto 10:** Placa da reforma e ampliação da Escola M. José Peregrino de Carvalho, em março de 1991.  
**Fonte:** Acervo pessoal S. M.B.L.

<sup>12</sup> Dados obtidos na enciclopédia Wikipédia, acesso em 11 de jun. 2010.

Como podemos comprovar na foto 10, no ano de 1991, Dona Antônia do Socorro Silva Machado era a Diretora Geral da Escola. O prefeito da época era Carlos Alberto Pinto Manguiera, e a secretária da Educação e Cultura, a Professora Emília Augusta Lins Freire.



**Foto 11** Placa referente à recuperação da E. M. de 1º grau Antônia do Socorro S. Machado.

**Fonte:** Acervo pessoal S.M.B.L.

Em 1996, a Escola já não era mais chamada Escola Municipal José Peregrino de Carvalho, mas Escola Municipal de 1º Grau Antônia do Socorro Silva Machado. Nesse período, sua estrutura física foi recuperada, quem governava a Paraíba era José Targino Maranhão, e o secretário de Educação era Everaldo Lucena da Costa.





**Foto 12:** Placa referente à construção do Ginásio de Esportes da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Antônia do Socorro Silva Machado.

**Fonte:** Acervo pessoal S.M.B.L.



**Foto 13:** Momento de atividade extraclasse com os alunos do 9º ano, em 2009.

**Fonte:** Acervo pessoal S.M.B.L.



**Foto 14:** Comemoração de aniversário. Do lado esquerdo, temos: Estela, Dona Antônia, no meio, vestida de branco, a irmã de Estela, Sônia, e do lado direito, a professora Elizabete Rodrigues da Paixão. (Foto cedida gentilmente por Cícera)

Fonte: Acervo pessoal de Cícera.



**Foto 15:** Dona Antônia e sua culinária (Foto cedida gentilmente por Cícera).

Fonte: Acervo pessoal de Cícera.



#### 4 BIOGRAFIA DE ANTÔNIA DO SOCORRO SILVA MACHADO

Eu recordo a memória de Dona Antônia do Socorro, eu, pra mim ela não partiu, pra mim ela ainda é viva. Porque o amor que eu tinha a ela, nunca esquece assim. Hoje, o que eu tenho eu devo a ela. E duas vezes por semana, uma vez por mês eu sonho com ela, hoje a noite, essa noite mesmo eu vi ela. Eu não esqueço de Dona Antônia, eu nunca esqueci. (Sr. Getúlio)

A trajetória de vida da “professora Antônia do Socorro” - era assim como ela gostava de ser chamada pelos colegas, amigos e conhecidos - iniciou no dia 03 de março de 1930, na cidade de João Pessoa/Paraíba. Ela era filha de Maria da Luz Silva e Olavo Pedro da Silva. Casou-se com Getúlio Machado da Silva e, apesar de não ter tido filhos, cuidou de oito sobrinhos, após a morte prematura de sua irmã. Sua estatura era de aproximadamente, 1,60m ou 1,65m de altura e pesava 85 kilos. Era negra e se orgulhava da sua cor.

Dona Antônia do Socorro faleceu no dia 26 de setembro de 1992, de acordo com o que nos foi informado por Estela: “[...] no dia de sua morte houve uma grande comoção aqui, foram dois ônibus locados, e ela foi enterrada onde está os pais, a irmã, no Cemitério da Penha”.

Ao longo deste capítulo, faremos uma abordagem acerca da forma de ser e de viver de Antônia do Socorro, ressaltada por seus familiares, colegas e amigos, que descreveram seus aspectos físicos e até mesmo seu caráter, que nos ajudaram a construir sua memória. Logo de início, Getúlio, o esposo, fala sobre como ela gostava de se vestir: “Ela nunca vestiu calça comprida [...] Ela só vestia vestido. Agora vestido onde aparecesse, um vestido ela queria vestir pra comprar. Foi pro Ceará trouxe uns 6 vestidos de linho, bordados, azul moderno, azul vivo, ela gostava muito dessas coisas”.

[...] a representação do real intencionalmente registrado nas imagens – *lembranças* é a configuração do universo sócio-cultural que possibilitou tais representações. O vestuário-imagem, com sua unidade regrada, possibilita a análise e o trabalho de reconstituição desse universo de modo sistemático. O novo e o efêmero são perpetuados como tentativa de superação da própria existência, também ela efêmera, ainda que seja na frágil constituição do papel fotográfico. (DENIPOTI, 1998, p.93, **grifos nosso**)

Isso reforça o que afirmou sua sobrinha Ivanilse, ou Vó, como é mais conhecida, que a descreve como brincalhona: “Minha tia era uma pessoa divertida, gostava de brincar, é, gostava de se pintar, usava brinco, pulseira um lencinho na cabeça, ela dançava até com os meninos aí, brincando quando era festa, era uma pessoa muito alegre ela...”.

Para Ivete, sua amiga e companheira de trabalho, Dona Antônia do Socorro “era uma pessoa alegre, sorridente, amável, mas também muito exigente”. O seu jeito de ser também foi

descrito por sua parceira de trabalho, Estela: “Ela era uma mulher sensível, amantíssima dos sobrinhos, da família, muito respeitada na comunidade. Ela se doava por inteiro não só nessa escola, aos pais dos alunos, do alunado. Quando muitas vezes dependia da venda de frutas periódicas, ela cedia o sitio dela, enorme, de caju, pra eles tirarem e venderem na feira livre”. Assim, demonstrava sua generosidade e solidariedade para com os com seus conhecidos, vizinhos, alunos e companheiros de trabalho.

Era uma pessoa muito festeira, como já demonstrado nos depoimentos ressaltados no **quadro 1** sobre as festas. Ela usava todas as datas comemorativas para festejar e motivos bem corriqueiros também para transformar em festa. As festas de Dona Antônia eram dentro da Escola e até mesmo em sua casa. De acordo com Ivete, “se alguém chegava à escola, podia ser de diretor a auxiliar de serviço, ela tinha música para recebê-los”. Podemos ainda considerar esse aspecto como resquícios deixados por seus antepassados quilombolas?

Tendo em vista o que afirmamos nos capítulos anteriores, que a Comunidade Paratibe e a Muçumagro têm parte de seus cidadãos reconhecidos como remanescentes quilombolas e que Dona Antônia foi criada e conviveu nessas comunidades, podemos fazer um paralelo com o que Lima (2007) refere na sua abordagem a respeito das *Festas negras*, aqui pensadas como samba, batuques e danças, na Parahyba do Norte (atual João Pessoa), na segunda metade do Século XIX, que tinham diversos significados para os que participam delas. Para uns, era uma forma de se libertar da opressão ou um meio de expressar a resistência dos escravizados e dos negros livres e, portanto, era motivo de preocupação da elite “branca” tanto na província da Paraíba, quanto nas outras regiões do Império brasileiro. Sobre a festa, Reis (2005) assevera que era uma oportunidade para celebrar valores culturais trazidos pelos africanos e outros aqui criados. Entendemos, então, que as festas de Dona Antônia eram heranças dos seus antepassados para as festividades, por meio das quais eles demonstravam, também, o seu poder.

Outro aspecto importante a registrar é o fato de que Dona Antônia era uma “grande latifundiária”, como dito pela professora Elizabeth: “ela era dona de quase toda Paratibe. Enquanto o avô de Elizabeth possuía quase toda Muçumagro”. Segundo Estela, “ela foi uma das fundadoras da Escola, juntamente com Dona Noeme (Noeme Rodrigues da Paixão), que falecera há pouco tempo e foi uma das professoras fundadoras dessa escola, dá qual ela (Dona Antônia do Socorro) doou o terreno, o imenso terreno onde a escola foi construída, junto com a professora Noeme, que faleceu agora no dia 8 de setembro, coincidentemente no mesmo período de morte

de Dona Antônia. Elas foram as pioneiras daqui, que hoje tem o seu nome após seu falecimento para homenageá-la”.

De acordo com o sobrinho, Lenildo, Dona Antônia “[...] começou a ensinar em uma escola, em sua própria casa, era uma escolinha muito bem pequena, que foi, que se localizava, na Portela, ela começou com uma escolinha particular, ela ensinava não tinha ninguém, nada, *para ajudá-la. Era frequentada pelo* povo da comunidade, que era muito pouca gente, porque a comunidade era pequena, a Portela, ainda existe o terreno que pertence ainda a ela”. Lenildo acrescenta, ainda: “[...] fui criado por ela, foi mesmo que seja a minha mãe, foi a segunda mãe. Ela me criou e morei com ela dos 4 aos 17 anos, e depois dos 17 anos me casei e fui pra minha casa, mas continuei morando com ela e trabalhando no Colégio que ela lutou pra conseguir e hoje tá do jeito que tá”.

Com base em alguns documentos impressos, que fazem parte do arquivo da Escola, pudemos traçar alguns aspectos sobre a formação acadêmica dessa tão importante professora, de acordo com as fichas de docentes dos anos de 1981 e 1982 (Anexo A), e a folha do Livro de frequência do ano de 1975 (Anexo B), os quais nos foram cedidos pela direção e pelo pessoal da secretaria para tirarmos cópias. Os documentos impressos foram sobremaneira importantes, como fonte de informação, para a elaboração deste trabalho de pesquisa e por trazerem à tona alguns fatos relevantes sobre Dona Antônia do Socorro, como por exemplo, sua formação acadêmica, os quais estão registrados nesses documentos. Na sua ficha individual de docente, consta o número de matrícula - 124711 - e ainda o seu registro de qualificação profissional. Ela cursara o 2º grau completo - o Pedagógico - e outros cursos extras, como de reciclagem e de treinamento para diretores.

No documento citado acima, consta que ela tinha a função de secretária e o cargo de Diretora, de acordo com a dada de admissão em 1º de abril de 1982. Foi nomeada, no início, para exercer o cargo de secretária, com o número de matrícula 0038, e foi admitida em 04 de março de 1954. Esses dados constam em outra ficha do docente, que foi assinada no dia 25 de março de 1981. Essas funções eram exercidas no Grupo Escolar Municipal José Peregrino de Carvalho. Constam, ainda, o número do seu título de eleitor - nº 5.838, zona 1ª “A”, secção 2ª, cidade João Pessoa, estado Paraíba, da carteira profissional - 41651, série 250 - o número de inscrição no PASEP: 10043537976. Sua contribuição é INPS. Vários campos da ficha encontram-se sem informações.

Outro aspecto interessante que vale ressaltar é a qualidade de sua escrita, o que podemos conferir no seu ponto de frequência, do ano de 1975, em que ela nos apresenta letras grandes e bem desenhadas, que analisaremos mais profundamente no próximo trabalho.

Podemos perceber, ainda, ao levantar esses dados nas fichas profissionais sobre Dona Antônia do Socorro Silva Machado, que ela foi nomeada para a função de secretária, de professora e diretora. Tudo isso nos explica bem o porquê de alguns depoentes nos dizerem que “ela fazia de tudo na Escola”. Essa multiplicidade de atividades que Dona Antônia exercia na Escola foi ressaltada, principalmente, no depoimento de Estela, que refere (grifos nossos) *que o cargo o qual ela permaneceu exercendo por mais tempo foram suas atividades como diretora*. “Ela era responsável de pegar e levar os documentos da Secretaria, ou seja, os planos de aulas dos professores. Ela já exercia o cargo de diretora já há quase 30 anos e tinha receio de uma nova lei que o município estava querendo colocar em prática onde quem já tem quase 30 anos de gestão não poderia mas, continuar *no cargo* e, mas só que essa lei foi abolida e quem tava podia continuar mas ela não ficou sabendo morreu antes sem saber disso”.

“Ela era uma pessoa inteligente da escola, justamente, diz o viúvo Getúlio, e toda a vida ela ficou comandando a escola, negócio de trabalho, negócio de merenda, negócio de resolver as coisas na rua, ela era quem resolvia tudo isso. Depois que ela tomou conta desse trabalho dela *aí* ela cansou [...]”.

Cansou e foi acometida por uma doença, a respeito da qual nenhum (uma) dos seus (as) sobrinhos (as) ou colegas nos disseram sobre o mal que originou sua morte. Somente o viúvo, senhor Getúlio, explicou sobre esse momento de sua vida: “A doença era câncer nas pernas dela, das pernas do joelho pra baixo virou ferida feia. Foi levada várias vezes ao médico. Até que chegou um momento em que o médico virou e disse: Getúlio, faça jeito de não sarar essas pernas e se ela sarar as pernas, *aí* Jesus vai levar. O marido vira para o médico e pergunta: Doutor, depois de sarado? E o médico responde: *É*, depois, depois de sarado. E quando ele tava construindo a casa nova dela, só deu tempo de inaugurá-la, porque quando tava terminando a casa, ela deu a crise. Eu levava de manhã pra mostrar (ruídos), ela ainda durou um mês e pouco, dois meses. *Aí* Deus levou ela, poucos meses depois, ela veio a falecer”. Mas, ao morrer, Dona Antônia do Socorro deixou um grande legado para todos das comunidades Paratibe e Muçumagro, a Escola Municipal, cuja construção, de acordo com vários depoentes, só foi possível após várias discussões entre os familiares de Dona Antônia e de Dona Noeme. Quem



nos conta isso é a professora Elizabete: “Começou-se a discutir, vamos fazer uma escola pública municipal que aqui em Paratibe não tinha. Dona Antônia que dava aula numa casinha. Mamãe (Dona Noeme) dava aula na *escola do estado* lá e ela, *Dona Antônia*, aqui em casa, numa escolinha pequena. E foi ficando pequena, chegando mais gente, a população aumentando e a escola ficou pequena [...]. *Então houve a necessidade de se construir uma escola maior, que devido a urgência da situação surgirão várias propostas. Uma seria assim, contada pela professora Elizabete* o meu avô *Domingos José da Paixão* queria que a escola fosse construída lá, em Muçumagro, no terreno dele, seria a escola do sítio de Muçumagro. Dona Antônia, com a família dela, queria a escola aqui em Paratibe. Como aqui era muito grande Dona da Luz junto com Dona Antônia doarão esse terreno para que construísse a escola, que hoje, se chama Escola Municipal Professora Antônia do Socorro Silva Machado”. Fato confirmado por Estela “Ela não tinha apego a terra, é tanto que esse terreno imenso que a escola tem foi doado por ela”.

## 5 A COMUNIDADE PARATIBE E A ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL I E II PROF<sup>a</sup> ANTÔNIA DO SOCORRO SILVA MACHADO

O Estado da Paraíba é, atualmente, constituído por uma população de maioria negra, segundo o censo realizado no ano de 2000 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), pois dos 3.444.794 paraibanos, cerca de 1.937.738 (56,2%) declararam ter a cor de pele preta ou parda. Esses dados são bastante significativos, se nos lembrarmos da tradição paraibana de exaltar a origem portuguesa e a indígena – tabajara e potiguara – da população que constitui o Estado. Convém, ainda, lembrar que apenas há 119 anos foi extinto o sistema escravista que existiu por quatro Séculos no Brasil. Portanto, identificar-se como negro corresponde a afirmar sua ascendência africana e, conseqüentemente, escrava (LIMA, 2007, p.163).

João Lyra Tavares, em seus *Apontamentos para a história territorial da Paraíba* (1982), traça a localização da cidade da Parayba do Norte, hoje cidade de João Pessoa, onde estão situadas as Comunidades Paratibe e Muçumagro. Na terceira parte do livro, referente ao Registro Geral de Terras, o autor afirma que, de conformidade com o regulamento de 30 de janeiro de 1850, a primeira freguesia que corresponde a Nossa Senhora das Neves, a Capital da província, confina, ao norte, com a Cidade de Mamanguape; ao sul, com a Villa de Alhandra; a leste, com o Oceano; e a oeste, com a do Pilar. É evidente que os limites do município de João Pessoa, hoje, não são mais esses. Porém, consta nos *Apontamentos* a descrição do sítio Paratibe, registro de nº 5, da freguesia de Nossa Senhora das Neves, como podemos perceber na declaração exposta, que foi copiada pelo Vigário Joaquim Antônio Marques:

Aos 2 de Setembro do anno de 1855, foi-me apresentada a declaração seguinte; -Nós abaixo assignados declaramos que possuímos a maior parte das terras das propriedades, Paratybe, de cujas terras somos consenhores, digo das propriedades - Paratibe e Gruta - sitas nesta freguezia da Cidade da Parahyba, de cujas terras somos consenhores com outros proprietários; essas terras limitão pela parte leste com a propriedade salgado; e pelo oeste com a propriedade Cuiá - pelo norte com o rio Paratibe, e pelo o sul com a propriedade Mussumagro, e terras da barra de Gramame, e nesta propriedade Barra também somos consenhores em commum, limitando essa propriedade pela parte do leste com a costa do mar, pelo oeste com o Mussumagro, e pelo sul com o rio Gramame, e pelo o norte com terras do Camorupim e Paratibe. [...] – Cidade da Parayba 1º de Setembro de 1855.- João José Pereira de Carvalho e Maria Roza da Conceição Carvalho.-Nada mais se continha em dita declaração que fielmente copiei do original.-O Vigário Joaquim Antonio Marques (TAVARES, 1982, p. 695).

Em outra declaração de registro, a de nº 6, sobre Muçumagro, há os seguinte dizeres:

“Aos 18 de Setembro do anno de mil oitocentos e cincoenta e cinco foi-me apresentada a seguinte declaração.- Nós abaixo assignados marido e mulher, declaramos que possuímos a propriedade-Mussumagro-sita nesta Freguezia da Cidade da Parahyba, dita propriedade contém 900 braças de largo e 700 de fundo, terras demarcadas com seus competentes rumos, e limitão pela parte do oeste com a propriedade – Barra de Gramame, - pelo esse com Mascasinhãs, pelo norte com a propriedade Paratibe, e pelo sul com o rio Gramame. E pela declarante não saber escrever assignou a seu rogo João José de Carvalho – Parahyba 14 de

Setembro de 1855.- Antonio Sabino dos Santos Pereira, - A rogo de Marcelina Ramos de Oliveira – João José Pereira de Carvalho.- Nada mais se continha em dita declaração.-O Vigário Joaquim Antonio Marques (TAVARES, 1982, p.695-696).

Nessas transcrições, feitas em 1855, podemos perceber que os sítios particulares deram origem às Comunidades Paratibe e Muçumagro. Ambas fazem parte do que designou de o “grande” Valentina de Figueiredo, bairro da cidade de João Pessoa, capital do estado da Paraíba, Brasil. Segundo estudo do INCRA, a Comunidade Paratibe já tem mais de 200 anos de existência, e sua população foi reconhecida como remanescente de quilombolas.

Como podemos destacar no *Quadro das comunidades quilombolas reconhecidas na Paraíba*, apresentado no livro *Africanidades Paraibanas*<sup>13</sup>(2010), na Paraíba, as comunidades quilombolas não ficaram de fora do processo de reconhecimento das terras de remanescentes de quilombos, estabelecido no artigo 68 das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988. Assim, organizados e mobilizados, passaram a reivindicar dos governantes, com mais frequência, a garantia dos direitos básicos, tal como título de propriedade definitiva das terras onde nasceram e foram criados.

A comunidade negra Paratibe foi reconhecida pelo governo brasileiro. De acordo com a Constituição de 1988, em seu artigo 68 das Disposições Transitórias, as pessoas negras residentes nas comunidades rurais poderiam se auto-reconhecer remanescentes quilombola. Essa passou a ser a exigência para o governo brasileiro reconhecer e titular uma comunidade negra como remanescente quilombola. A partir dessa medida as comunidades quilombolas passaram a ser reconhecidas em todo país. Isso não quer dizer que elas tenham sido formadas no final da década de 1980 e início da década de 1990. Não esqueçam que a formação das comunidades quilombolas teve início ainda durante o sistema escravista, se propagou no final do Século XIX e se solidificou nos Séculos XX e XXI (AFRICANIDADES, 2010, p. 21).

Para os quilombolas, a organização comunitária sempre foi uma prática importante, porque, através dela, eles se colocaram contra a escravidão, e hoje dizem não à exclusão e agem em favor da cidadania (AFRICANIDADES, 2010). Podemos constatar esses aspectos comunitários nas falas dos depoentes sobre as comunidades Paratibe e Muçumagro, dentro do *projeto de construção da memória de Antônia do Socorro, pessoa, escola dentro de uma comunidade*.

Apoiando-nos em alguns depoimentos dos entrevistados, podemos até mesmo traçar uma visualização das realidades passada e presente descritas em Paratibe/Muçumagro. Os depoimentos e as fotografias cedidas pelos entrevistados configuraram-se como respaldo de uma

<sup>13</sup> Livro inédito e será editado pela Editora Graficet. O quadro que se encontra no livro foi retirado do site: [www.fundacaopalmares.gov.br](http://www.fundacaopalmares.gov.br).

vivência desses mesmos depoentes, que presenciaram e participaram, durante cerca de 40 anos ou mais, dessas duas comunidades, traçando assim uma imagem de como eram e o que são hoje.

No primeiro momento, faremos uma trajetória dessas duas regiões; e no segundo, descreveremos a Escola Municipal, no início de sua fundação, e hoje, chamada de Escola Municipal Professora Antônia do Socorro Silva Machado.

A seguir, apresentamos alguns depoimentos em que os entrevistados descrevem as comunidades:

“[...] em Paratibe faz uns 40 anos ou 44 anos *que nasceu e foi criado aqui* dentro de Muçumagro e Paratibe não tinha nada nem uma escolinha. Como era não passava ônibus a gente ia a pé até a cidade. Ou então a gente andava de cavalo ou de bicicleta (era asfaltado?) nessa época não era nem estrada era chamado de caminho”. (Lenildo ou Tenente)

“(...) eu moro aqui em Paratibe desde o meu nascimento, desde pequeno e hoje faz 36 anos. A forma que era Paratibe era um local cheio de árvores, era mais família que morava nas localidades, era sitio. Hoje você vê o crescimento da população, que acabou com os matos, os pés de árvores, as fruteiras. Os loteamentos antigamente os poucos que tinham vendiam as terras a preço de banana. Com o crescimento da população, perdemos nossas origens. Aqui era só sitio, hoje quem tinha muita terra hoje ta morando num quadradinho” (Roberto ou Pelé).

“(...) quando eu cheguei aqui dentro de Paratibe e Muçumagro só tinha uma casa de telha, só tinha duas casas de telha, era a do meu sogro e uma casa de taipa que a gente morava lá no começo de Paratibe. A casa da gente aqui era tudo de palha. Palha assim, a casa subindo de barro, de madeira e coberta com palha de coco. Isso aqui a terra, onde vocês estão hoje, residindo com esse povo daqui. Isso aqui não tinha nada. Isso aqui era um caminho que pra ia pra Muçumagro, era um caminho que não passava carro. Quando foi um ano que deu uma chuvada [chubarada] muito grande, lá em Oitizeiro, tapou e o caminho pra ir pro Oitizeiro e, aqui pra ir pra praia não passava mais, porque o cemitério deu muita água. Depois não podia passar com carro. Ai o Prefeito veio falar comigo pra eu deixar abrir essa estrada daqui de Paratibe pra Muçumagro e eu disse pode mandar abrir. (Sr. Getúlio)

“Muçumagro é um nome indígena e não pode ser aportuguesado. Na verdade eu aprendi a amar essa comunidade a 22 anos. Quando aqui ela era rural, rural mesmo. Não tinha só característica, era rural, a ponto de não termos transporte. O pessoal andava de carroça e a gente andava a pé, de não ter transporte urbano. Então, eu não moro aqui, Michael [aluno que a

entrevistava do 9º ano], mas eu amo essa comunidade, eu amo trabalhar aqui, eu me identifico com ela. Então, apesar de eu morar no centro de João Pessoa e ter várias escolas ao meu redor, eu ainda prefiro continuar aqui”. (Estela)

Essas características do bairro descritas é o que buscamos traçar no trabalho de trazer as fontes de informação que podem se tornar identitárias, não só para nós, mas para os outros também.

Outra que complementa esses aspectos que, há mais de 24 anos, trabalha na escola. Ela nos fala sobre a Comunidade Paratibe da seguinte forma:

“Só via cavalo, carroça e acabou-se. Não tinha nada, nada”. (Secretária Ivete)

Professora polivalente, que, há 25 anos, trabalha na escola, nos ilumina como era Muçumagro e diz:

“Desde pequena que eu moro aqui em Muçumagro. Meus pais, meus avós, meus irmãos, todos foram criados aqui em Muçumagro. Então, na época não tinha ônibus, só tinha um ônibus pela manhã que era 4:30 da manhã, depois um ônibus de meio dia, e outro ônibus a noite. Meus primeiros irmãos que começaram a estudar lá na cidade, eles viriam de Muçumagro pra Costa e Silva pegar o ônibus pra poder ir pro Colégio, pro Liceu, Ernesto Geisel, eles iam a pé e pegava o ônibus daqui de Muçumagro até lá em Costa e Silva. Então, não tinha água encanada, não tinha energia, era mais mato, bastante mato, mas mesmo assim era legal, mesmo com o mato, sem vizinhos, a comunidade era pequena, e todo mundo se conhecia aqui, e não tinha medo na hora e não era tão perigoso quanto hoje. Hoje, a gente tá cheio de vizinhos arrodoados de pessoas, com medo, com medo do vizinho com as portas fechadas, de grade com medo de assalto toda hora, você não dorme pensando no assalto e antes não, mesmo com o mato, a comunidade fechada nós dormíamos com a porta aberta. Minha mãe cansou de dizer: botava a gente pra dormir e ficava nas calçadas de porta aberta apreciando a lua com o meu pai, de porta aberta e hoje não pode mais”. (Elizabeth)

E acrescentou:

“Quase toda Paratibe era da mãe de Dona Antônia, assim como Muçumagro era quase todo do meu avô (de Elizabete, Domingos José da Paixão). Para a construção dessa Escola houve uma grande discussão entre as duas famílias. Daí *a união entre as famílias foi de grande valia para o que comunidade obtivessem hoje, diante de tanto sacrifício que tiveram*, Dona Antônia (Antônia do Socorro Silva Machado) não, nos vamos pegar com a minha mãe e como aqui era muito grande

Dona da Luz (Maria da Luz Silva, mãe de Dona Antônia) junto com Dona Antônia doou esse terreno para que construísse essa Escola”. (Elizabeth)

## 5.1 A ESCOLA DE ONTEM - JOSÉ PEREGRINO DE CARVALHO - E A DE HOJE, ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA ANTÔNIA DO SOCORRO SILVA MACHADO

É importante destacar, [...] É a unidade escolar, organicamente vinculada à comunidade a que serve e com a participação dos professores que a constituem; [...] Naturalmente, em um processo contínuo de envolvimento dos pais, de entidades representativas da comunidade e, [...] cada escola deve construir sua identidade, elaborar seus programas, tendo em vista valores educacionais maiores, bem como o interesse coletivo. (MACHADO, 2002, p.173).

Para construir a imagem de ontem da Escola José Peregrino de Carvalho, utilizamos também as várias fontes de informação que conseguimos encontrar e, principalmente, como foi apresentado no capítulo *As fontes de informação na construção de uma memória: coleta e análise*, das informações deixadas por nossos entrevistados, seus depoimentos, fotos, objetos pessoais e conseguimos montar este capítulo, com elementos bastante significativos, como sua fundação, como surgiu, seus fundadores, seus funcionários e professores. Isso confirma o que dissemos acima e pode ser visto na **foto 1**, exposta no capítulo 4, que a referida Escola era denominada anteriormente de Escola José Peregrino de Carvalho e tinha o mesmo frontal que tem hoje e o mesmo portão da frente, a mesma passarela.

A referida Escola foi fundada no governo de Ernane Sátyro, no ano de 1972, no período de gestão do prefeito Dorgival Terceiro Neto, de 1971 a 1974, como depõe a placa constante do capítulo 4. Para sua construção, duas professoras e fundadoras trabalharam: Antônia do Socorro Silva Machado e Noeme da Paixão Rodrigues, que lutaram para que ela fosse construída. Uma delas queria que a Escola fosse construída do lado direito, que é Muçumagro, e a outra, que fosse do seu lado, em Paratibe.

A Escola que existiu nos seus primeiros dias não é a de hoje. Houve grandes modificações na sua estrutura física. Essas mudanças ocorreram depois da “morte de Dona Antônia, que ocorreu no dia 26 de setembro de 1992, em homenagem póstuma, em luta dos integrantes da escola, junto com a Secretaria de Educação do município, e então coordenada pelo secretário

Itapuan Botto, nós fizemos um documento, da qual eu entreguei em mãos, em homenagem a ela. A escola que antes se chamava José Peregrino de Carvalho” (Estela), como pode ser constatado na foto 1, passou a se chamar Escola Municipal Professora Antônia do Socorro Silva Machado, *no governo de Ernani Sátyro, de 1971 a 1974*, “em uma homenagem feita à educadora, mestra que nós tivemos aqui. Quanto a dar o nome, além do nome, conseguimos uma placa luminária (uma placa comemorativa) com o nome e esse busto foi construído pelo viúvo, não foi pela secretaria, a homenagem da secretaria só foi a troca do nome”. (Estela)

A estrutura física da Escola foi descrita da seguinte forma por vários depoentes:

“Só tinha quatro cômodos, um funcionava com a merenda, outra com a diretoria e as duas com salas de aulas. Agora o pátio era muito grande, o terreno era muito grande, com muito pé de árvore, que às vezes eram utilizadas para serem ministradas ou eram dadas aulas até embaixo do pé de árvore, e os alunos adoravam. Isto foi durante muitos anos, os alunos tiveram aulas assim. As matrículas dos alunos eram feitas nas casas, porque as pessoas não procuravam a escola, a escola era quem ia até elas, como se fosse a domicílio”. (Ivete)

“Essa escola mesmo com o imenso terreno, ela só tinha duas salas de aula, uma diretoria, não tinha secretaria e uma cantina. Uma área extensa, enorme, com pés de cajú, mangaba, de coco, o que você pudesse imaginar os meninos aqui usufruíam”. (Estela)

“E só tinha quatro cômodos. *Ela traça itens importante sobre a forma de fazer a inscrição do aluno na escola antiga.* Aqui as matrículas eram feitas assim, nas casas dos alunos. Porque as pessoas, *as mães, os pais*, não procuravam a escola, a escola era quem ia, como se fosse a domicílio. Quando cheguei aqui também. Uma funcionava com a merenda, outra com a diretoria e as duas salas de aulas. Agora aqui o pátio era muito grande, o terreno era muito grande, muito pé de árvore, que as aulas eram dadas até embaixo do pé de árvore, que os alunos adoravam. Isto foi durante muitos anos, os alunos tiveram aulas assim”. (Ivete, grifos nossos).

*A Escola José Peregrino de Carvalho*, era muito pequena, tinha, os meninos que não tinha nem sala, era nos corredores, a cozinha muito pequena também, a sala, só tinha 2 salas, os meninos também ensinava nos corredores, era muito difícil. Os primeiros funcionários foi minha mãe, Neuza da Guia Silva, *irmã de Dona Antônia*, Lenildo (Tenente), *sobrinho de Dona Antônia* que é eu, Genildo, e Ivanilda (Vó), Ivanilse (Mocinha), Genildo (Dedé, sobrinho), Roberto (Pelé, sobrinho) e teve também dona Noeme (*mãe da professora Elizabete*), tem muitos. (LENILDO, grifos nossos)

Os professores na época de Dona Antônia, os professores fundadores na época eram Antônia do Socorro, professora Noeme, Marlene Constantino, Enildo da Paixão, depois a professora, Vênia, Leonice, Sonia que é Irmã de Estela e professor de Ed. Física, Rinaldo. Evanilda, Jandira.

Escola tinha quatro compartimentos: uma diretoria e 2 salas de aulas, e a cantina. Quando eu entrei a primeira professora era minha mãe, chamava-se Noeme, tinha a diretora Dona Antônia, meu irmão que trabalhava a noite. Ele chamava-se Enildo, que *Ela também funcionava a noite*, quem trabalhava a noite no Mobral, e era uma escola pequena gostosinha de trabalhar, era uma família pequena, isto é antes da reforma, né. A Escola chamava-se José Peregrino de Carvalho e, tendo como diretora Antônia do Socorro e alguns anos atrás dona Antônia chegou a falecer e por isso a mudança de nome de José Peregrino de Carvalho para Antônia do Socorro. (Elizabeth)

Como já descrito no capítulo anterior, houve um grande impasse para a construção da Escola que hoje homenageia Dona Antônia, devido ao grande interesse, segundo a professora Elizabeth, que presenciou a discussão de sua construção desde o seu início. Dona Antônia queria mais pra lá, *porque a parte que ela queria fazia parte dos seus terrenos, enquanto a mãe de Elizabete queria mais pra cá de Muçumagro*, porque o avô dela era dono dessa parte de Muçumagro. E foi discutido que esse pedaço ficaria entre Paratibe e Muçumagro, e a escola atenderia às comunidades de Paratibe, Muçumagro, Praia do Sol e Barra de Gramame. Daí eles entraram em consenso.

Os cômodos existentes são descritos da seguinte forma: “só havia quatro cômodos. As matrículas eram feitas nas casas, porque as pessoas não procuravam a escola, a escola era quem ia, como se fosse a domicílio. Quando cheguei aqui também. Uma funcionava com a merenda, outra com a diretoria e as duas salas de aulas. Agora aqui o pátio era muito grande, o terreno era muito grande, muito pé de árvore, que as aulas eram dadas até embaixo do pé de árvore, que os alunos adoravam. Isto foi durante muitos anos, os alunos tiveram aulas assim. vários encontros e chegou nesse consenso que realmente seria aqui porque aqui ainda não é Paratibe. Começa Paratibe agora. *A partir do local o qual foi construído a Escola, do lado direito corresponde a área da comunidade Muçumagro, e a partir do muro da Escola, pra esquerda, faz parte da comunidade Paratibe.* Tem uma avenida aqui a rua mais acima, *do lado direito da Escola*, dali pra lá é Muçumagro e dali pra cá é Paratibe. Então Paratibe começa justamente daqui da Escola pra lá é Muçumagro.



Então após, essa discussão, houve várias reuniões e se firmou um acordo entre as autoridades da época e os participantes das comunidades e entraram em um consenso que o local ideal pra se fazer a escola seria aqui. Porque cairia pra os três bairros 4 bairros. Porque pela minha mãe seria em Muçumagro, por Dona Antônia em Paratibe. Então teve que ter esse consenso de fazer em um local que atendesse as quatro comunidades. O local ideal seria esse. [...] E era da mãe de Dona Antônia Paratibe quase todo, assim como Muçumagro era quase todo era do meu avô. Daí não, ai Dona Antônia não, nos vamos pegar com a minha mãe e como aqui era muito grande Dona da Luz junto com Dona Antônia doando esse terreno para que construísse a escola que era terreno de Dona Antônia.

“[...] uma *sala* era exclusiva para aqueles alunos que não sabiam ler né, ela dava muita prioridade a eles, quando os alunos não sabiam ler, que os professores detectavam isso, ela mandava pra sala de leitura então ficava um professor lá nessa salinha, com esses, eu fui uma delas, né que eu fazia, decorava as leituras no outro dia me mandaram ler e eu não sabia de nada e me colocaram na sala de leitura, e eu ia pra sala de leitura e ficava lá com todo mundo e os professores que ela colocava”. (Joelma)

A mudança de nome ocorreu graças à luta dos integrantes da escola, junto com a Secretaria de Educação do Município daquela época, então coordenada pelo secretário, que era Itapuan Botto, o qual foi feito um documento, da qual foi entregue em mãos, em homenagem a ela, a escola que antes se chamava José Peregrino de Carvalho passou a se chamar Escola Municipal Professora Antônia do Socorro Silva Machado, uma grande homenagem feita a essa grande educadora, essa mestra que teve a Escola. Além do nome, conseguiu-se uma placa comemorativa com o nome e o busto, construído pelo viúvo, e não pela secretária, a homenagem feita da secretária só foi a troca do nome. (Estela)

Atualmente, a Escola Municipal de Ensino Fundamental I e II Professora Antônia do Socorro Silva Machado tem a seguinte estrutura física: 14 salas de aula, uma Biblioteca, 11 banheiros e um ginásio de esportes. O quadro de professores e de funcionários é composto por 48 professores - polivalentes e de disciplinas - quatro diretoras uma geral e três adjuntas - e cerca de 24 funcionários: oito da secretaria, três inspetores, sete de apoio, dois técnicos e quatro vigilantes. Atualmente, existe cerca de 1206 alunos, mas somente 1006 estão frequentando a Escola, que funciona nos turnos da manhã, com o Ensino Fundamental I; no turno da tarde, com

o Ensino Fundamental II e algumas turmas do Ensino Fundamental I, e no turno da noite, com a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Hoje, a Escola Municipal Antônia do Socorro Silva Machado tem como via de acesso a rodovia PB 008, que está asfaltada, mas com muitos problemas, entre eles, destacam-se: ruas esburacadas, o fato de que a população, que aumentou significativamente, conta com pouquíssimos meios de transportes, não só das duas comunidades citadas acima, mas, também, de outras que se formaram em poucos anos, e que, para chegar até a escola, os alunos caminham uma distância muito longa. Não adentraremos nessas questões, que poderão ser tratadas em outros estudos futuros.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As condições para que apareça um objeto de discurso, as condições históricas para que dele se possa “dizer alguma coisa” e para que dele várias pessoas possam dizer coisas diferentes, as condições para que ele se inscreva em um domínio de parentesco com outros objetos, para que possa estabelecer com eles relações de semelhança, de vizinhança, de afastamento, de diferença, de transformação – essas condições, como se vê, são numerosas e importantes. Isto significa que não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época; não é fácil dizer alguma coisa nova; não basta abrir os olhos, prestar atenção, ou tomar consciência, para que novos objetos logo se iluminem (FOUCAULT, 1987, p. 51).

Os elementos trazidos como fontes de informação para a construção da memória da professora *Antônia do Socorro* - pessoa, escola e dentro da comunidade - nos mostraram dados de grande relevância para este estudo. Há fatos que tiveram ressonância coletiva e se imprimiram na imagem descrita pelos personagens questionados, como a forma de se vestir de Dona Antônia - todos foram unânimes em afirmar que ela se vestia impecavelmente - e a descrição precisa do tipo de roupa e a sua forma de ser: “gostava de jóias, gostava muito de vestido de cambraia e de linho”, “gostava muito de sorrir, muito de brincar, usava muito batom, gostava de se maquiar muito, usava muitas jóias, andava com muitas jóias, e gostava de usar linho”. Gostava de se enfeitar, gostava muito de batom, pintar as unhas Ela se vestia muito bem. Ela gostava de comprar roupa e mandar fazer na costureira. Ela era muito vaidosa. Gostava de colar, de pulseira, de brincos. Essas foram as expressões que mais apareceram na fala dos entrevistados.

Outros comentários sobre o mesmo aspecto também eram enfatizados: “Ela gostava de vestir roupas estampadas, gostava de jóias, gostava de usar óculos, não saía de casa sem os seus óculos”. “[...] Era uma pessoa extrovertida, muito alegre, gostava de brincar, é ... gostava de se pintar, usava brinco, pulseira, um lencinho na cabeça”. Ela gostava muito de salto alto, meia, lenço, sempre vinha com o cabelo amarrado com um lenço, usava muita maquiagem, muito batom. Ela era uma pessoa extrovertida, gostava de usar roupa florida. Conseguiremos definir melhor Dona Antônia do Socorro, se não como: “[...] uma mãezona de todos”, ou pelo menos como uma grande lutadora. Tanto na sua luta pessoal contra uma doença que a acometeu e a levou à falência, como também educadora e mestra, que se preocupava com a formação educacional, tanto de seus familiares como das pessoas da comunidade em que ela vivia e transitava.

O trabalho de Dona Antônia levou à união das pessoas de duas comunidades – a Paratibe e a Muçumagro - e sua preocupação com a educação atingiu essas pessoas. Assim, ao morrer, deixou amparados não apenas os familiares, mas várias pessoas dessas comunidades, através do ensino e conseguindo que eles se aperfeiçoassem e conseguissem emprego dentro de uma instituição educacional. Além disso, possibilitou que as pessoas valorizassem a educação como o primeiro passo para o indivíduo ser um cidadão e, assim, houvesse uma transformação em suas vidas e a preocupação de todos com a formação educacional.

Outro aspecto sobremaneira importante que percebemos nas falas das pessoas que conviveram com dona Antônia do Socorro foi a preocupação em torná-la conhecida, pois relataram suas grandes ações. Percebemos, no entanto, a luta de pessoas que se uniram por um ideal e pela valorização das suas identidades, em busca da cidadania, contribuindo para melhorar as condições de vida em nível individual e coletivo.

Os entrevistados expressaram o “valor” que dão a Dona Antônia, como professora, como gestora e, até mesmo, como líder de sua comunidade. Na memória coletiva, pudemos constatar o quanto as pessoas a amavam e a adoravam, não só os seus familiares como também os demais componentes da comunidade - seus/suas companheiros/as de trabalho – que reconhecem sua capacidade de se doar para os seus e a sua afinidade com todos, não só profissionalmente.

Ao assumir a Escola José Peregrino de Carvalho, Dona Antônia atuou não só como professora, mas também como diretora da Escola. Sua gestão durou quase cerca de trinta anos na mesma Escola. Antes de falecer, alguns comentários geraram nela certa preocupação – o de que o município queria impor uma lei que proibia que os diretores que exerciam sua administração há mais de 30 anos não poderiam permanecer no cargo. Mas, antes de essa lei entrar em vigor, ela faleceu, foi obra do destino ou até mesmo a mão de Deus. Segundo a fala da secretária Ivete (20umal0), Dona Antônia dizia todos os dias: “[...] se um dia eu tiver que me ausentar dessa escola, eu prefiro morrer a deixar de vir para essa escola”. E assim ocorreu, ela morreu ainda como gestora da Escola que tanto adorava e lutou para conseguir construí-la. Foi uma vida inteira dedicada a ela.

Na peça que montamos através das histórias contadas sobre a pessoa Antônia, cujo título é “Dona Antônia: a amiga imaginária”, existe um objeto que foi utilizado em cena, que marcava tanto as entradas quanto as saídas dos personagens - era uma campainha que, peça, era tocada para anunciar que a aula havia terminado, e os alunos saíam de uma cena para outra. Tocada a

mão, a campainha de metal era usada por Dona Antônia que, todas as vezes em que ela queria falar com alguém, dava uns toquinhos para que a pessoa viesse falar com ela.

A instituição escola de hoje não é mais a de ontem, e não foi apenas na mudança de nome. A escola de ontem sofreu modificações, e foi ampliada tanto na sua estrutura física, quanto no quadro de funcionários e professores. A estrutura física modificou-se radicalmente, como podemos constatar com o que nos foi dito e pelas **fotos 1 e 3**. Antes, a Escola José Peregrino de Carvalho tinha apenas quatro compartimentos, como nos foi descrito pelos nossos entrevistados, e não comportava todos os alunos. A realidade atual da Escola Municipal Professora Antônia do Socorro S. Machado está retratada na **foto 13**, e qualquer pessoa poderá percebê-la se for visitá-la. A escola de hoje apresenta, em sua estrutura física, os seguintes compartimentos: na parte térrea: oito salas de aula, uma cantina, nove banheiros, um pátio, uma secretaria, um quatinho de depósito de material, uma direção, uma sala dos professores, um quatinho do pessoal de apoio, um laboratório de informática. No primeiro andar, há: seis salas de aula, dois banheiros e uma biblioteca; além disso, tem um ginásio de esporte e terrenos para construir mais salas de aula. Podemos perceber o quanto essa escola cresceu em relação à estrutura e ao quadro de funcionários.

No levantamento feito dos funcionários existentes na escola de ontem, pelo que nos falaram e dos que foram citados, ficou constatado que a escola contava com 16 funcionários, entre servidores e professores. Diferentemente de hoje, quando só os professores, entre polivalentes e de disciplina, superam esses 16, pois constam no quadro da escola 48 professores, e funcionários da secretaria e de apoio somam 24 profissionais.

Quanto aos alunos de ontem e os de hoje, podemos também fazer essa comparação. Desconhecemos quantos frequentaram a Escola José Peregrino de Carvalho, no início de sua fundação e no ano de 1992. Naquela época, só existiam duas salas de aula, a escola sofreu várias modificações e as salas da escola não tinham o mesmo tamanho que têm hoje, quando uma sala de aula comporta cerca de 45 alunos, e, naquela época, mesmo as salas estando lotadas, não chegava a tanto. Mas eram tão cheias quanto as de hoje. E uma das grandes dificuldades atuais são as distâncias que as crianças tinham que percorrer para chegar até a escola. Além do perigo que existe, elas correm o risco de sofrer alguma violência, se forem deixadas andar sozinhas pelas comunidades.

Deixaremos alguns questionamentos sobre a pessoa Antônia do Socorro, quanto a sua aversão aos brincos de argolas, em aberto. Talvez, em outro projeto. Há outros aspectos interessantes que podem ser analisados, em trabalhos futuros, que não foram aqui registrados devido ao curto espaço de tempo dedicado à pesquisa. Existem pessoas que estão esperando ser entrevistadas e, talvez, possam nos dar mais informações sobre Antônia do Socorro, a escola e a forma de ensino-aprendizagem nela adotada. Podemos, também, explorar outros personagens, tanto os professores que já se aposentaram quanto outros familiares de Dona Antônia, pois alguns ficaram fora da primeira etapa de entrevista; os vizinhos que chegaram a conviver com ela por muitos anos; pessoas que chegaram a trabalhar na sua granja e outras que foram mais íntimas dela. Muitos já se propuseram a nos conceder entrevista e falar sobre ela em nossa futura pesquisa. Isso significa que Antônia do Socorro não é um tema que se encerra nesta monografia e necessita ser explorado nos nossos próximos trabalhos. Portanto, a informação materializada foi a força motriz para a construção da memória de Antônia do Socorro.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.
- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.
- AQUINO, Miriam de Albuquerque (org.). **O campo da ciência da informação: gêneses, conexões e especificidade**. João Pessoa: Editora Universitária, 2002.
- AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. Informação e memória: as relações na pesquisa. **Revista histórica em reflexão**, Dourados, v. 1, n. 2, p. 3-19, 2007.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BURKE, Peter. **História e teoria social**. São Paulo: UNESP, 2002.
- DEWEY, John. **Experiência e educação**. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.
- DENIPOTI, Claudio. A cidade as roupas. In: FUNARI, Pedro Paulo A. **Cultura material e arqueologia histórica**. Campinas, SP: UNICAMP, 1998. p. 275-317.
- DIEHL, Astor Antonio. **Cultura historiográfica: memória, identidade e representação**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- FREITAS, Luciana. Cultura material, prática arqueológica e gênero: um estudo de caso. In: FUNARI, Pedro Paulo A. **Cultura material e arqueologia histórica**. Campinas, SP: UNICAMP, 1998. p. 275-317.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Mitos, emblemas, sinais**. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- HALBAWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Michael M. História Oral: os riscos da inocência. **Anais do Seminário de História e memória**, Campinas/SP, p. 157-160, [19?].

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão. 3. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1994.

LIMA, Maria da Vitória Barbosa Lima. Festa negra: registro de cultura de matriz africana na Parahyba do Norte (século XIX). In: FECHINE, Ingrid, SEVERO, Ione. (Orgs.) **Cultura Popular: nas teias da memória**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2007. p. 163-180.

MACHADO, Nilson José. **Cidadania e Educação**. 4. ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. Coleção Ensaio Transversais.

MIGUEL, Maria Lúcia Cerutti. A fotografia como documento: uma investigação à leitura. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 6, nº 1-2, p.121-132, jan/dez 1993.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de. **Conversas sobre normalização de trabalhos acadêmicos**. João Pessoa: UFPB, 2007.

OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de, AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. Artefatos como elementos de memória e identidade da cultura popular: um olhar sob a perspectiva da arqueologia social. In: FECHINE, Ingrid, SEVERO, Ione. (Orgs.) **Cultura Popular: nas teias da memória**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2007. p. 27-51.

OLIVEIRA, Maria Cristina Guimarães; GALINDO, Marcos. Informação e memória: cotidiano para a compreensão do social. In: SALCEDO, Diego A; OLIVEIRA, Maria Cristina Guimarães; OTERO, Maria Mercedes Dias Ferreira. **Construção, práticas e identidade da ciência da informação**. Recife: NECTAR, 2008. p. 41-55.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

\_\_\_\_\_. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, p. 200-212, 1992.

SILVA, Armando Malheiro da. **A informação: da compreensão do fenômeno e construção do objeto científico**. Porto: Edições Afrontamento, 2006.

SILVA, Zélia Lopes da (org.). **Arquivos, patrimônios e memória: trajetórias e perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP: FAPESP, 1999.



TAVARES, João de Lyra. **Apontamentos para a História Territorial da Parahyba**. Mossoró/RN: Fundação Guimarães Duque, 1982. v 1. (Coleção Mossoroense, Edição fac-similar).

WANDERLEY, Alba Cleide Calado. Cultura, memória e história como substratos na construção identitária. In: FECHINE, Ingrid; SEVERO, Ione. (orgs.) **Cultura Popular: nas teias da memória**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2007. p. 9-26.

#### Documentos sonoros

**Samba**. Manaus: EMI Music Brasil Ltda, 1999. (2 CDs)

#### Entrevistas:

Elizabete da Paixão Rodrigues, cedida em 24 de maio de 2010.

Estela Maria Reis de Carvalho, cedida em 29 de setembro de 2009.

Getúlio Machado da Silva, cedida em 27 de maio de 2010.

Lenildo da Silva Santos, cedida em 28 de setembro de 2009.

Lourdes Maria dos Santos, cedida em 24 de maio de 2010.

Ivanilda dos Santos Alves da Silva, cedida em 24 de setembro de 2009.

Ivanilse da Silva Santos, cedida em 24 de setembro de 2009

Ítala Nande de Brito Macedo, cedida em 29 de setembro de 2009

Ivete Maria Souza da Silva, cedida em 18 de maio de 2010.

Michael Douglas Matias, cedida em 29 de setembro de 2009.

Joelma da Costa Santos, cedida em 24 de setembro de 2009.

José Roberto Freire dos Santos, cedida em 24 de setembro de 2009.

Roberto da Silva Santos, cedida em 28 de setembro de 2009

## APÊNDICES

## APÊNDICE A – Roteiro da Entrevista

Roteiro da Entrevista sobre a pessoa Antonia do Socorro, a Escola e a Comunidade envolvida.

*Gostaria de comunicar a todos que ao participarem desta entrevista que esta servirá como Resgate de Memória da Antonia do Socorro como pessoa, da escola a qual ela ajudou a construir e que está dentro de uma comunidade. Neste projeto idealizado e coordenado pela professora Sandra Maria Barbosa Lima, de Artes, com a participação e colaboração dos alunos, da direção e funcionários da escola, parentes e pessoas da comunidade.*

1. Qual o seu nome completo e há quanto tempo trabalha na Escola Municipal Profª Antonia do Socorro, e em que trabalha?
2. Você poderia descrever como era a Escola Municipal Profª Antonia do Socorro antes de sofrer algumas reformas e até mesmo a mudança de nome? Lembra quem eram seus primeiros professores?
3. Mudando agora para a Antonia do Socorro pessoa, “mulher”. Você chegou a conhecer Antonia do Socorro? Quem eram seus pais e seus parentes?
4. Tem algum parentesco com a Antonia do Socorro? Qual?
5. Como Antonia do Socorro era fisicamente? Como ela se vestia? Como pessoa, como ela era? O que ela fazia aqui na escola? O que você pode nos dizer sobre ela?
6. Houve algum momento que marcou a sua memória, o qual se refere a pessoa Antonia do Socorro?
7. A quanto tempo você mora na comunidade Paratibe/Muçumagro? Descreva como eram esses locais?

APÊNDICE B – Texto dramático: “Dona Antonia: a amiga imaginária”

**DONA ANTONIA: A AMIGA IMAGINÁRIA.**

Autora: Sandra Maria Barbosa Lima (adaptação a partir do texto “Bernardo, o amigo imaginário”)

PERSONAGENS<sup>14</sup>:

MOÇOILA (sobrinha Mocinha)

DONA ANTONIA (Antonia do Socorro)

MARIA (aluna)

MARIO (aluno)

NILSON (aluno Denílson)

ESTER (diretora geral Estela)

DIRA (diretora adjunta Jandira)

NICE (prof<sup>a</sup> Leonice)

GINA (prof<sup>a</sup> Regina)

IVE (secretária Ivete)

LIPE (Felipe)

SEU ZÉ (inspetor José Rosas)

VEREADOR 1

VEREADOR 2

Cenário: (A história se passa na escola. A ação se desenrola nos cenários: na sala de aula, no pátio e a sala da diretoria).

Cena I – *No pátio da escola. Luz geral, clara. Som da campainha.*

---

<sup>14</sup> Todos os personagens se baseiam em pessoas reais da própria Escola.

*Todos os alunos entram na escola e se dirigem para as salas de aulas, enquanto as vice-diretoras ficam circulando pelo corredor da escola e saem de cena. Entram em cena duas garotas, auxiliares de serviço geral, varrendo o pátio e uma delas diz para a outra:*

MOÇOILA: Não sei de nada, não lembro de nada. (recomeça a varrer e sai de cena)

*( Maria e Mario entram em cena brincando de pega-pega)*

NILSON: (Entra em cena, olha para os dois e começa a provocá-los.) Olha, se não é a “Maria nanica” e “Mario cabeção”.

MARIA E MARIO: (Tentam ignorar o encrenqueiro.)

NILSON: (Insiste nas provocações.) O que foi “Mario cabeção”? Você sabia quem tem a cabeça grande tem os miolos pequenos?

MARIO: (Irrita-se e parte para cima de Nilson, que sorri ao ver que conseguiu o que queria.) Para com isso, Nilson! Eu tô falando sério!

MARIA: (Sai em apoio ao amigo) É isso aí, deixa a gente em paz, Nilson!! Se não eu vou contar pra Ester.

NILSON: Olha que bonitinho: a “Maria nanica” ta defendendo o cabeção!

MARIO: (Já quase chorando de tão irritado) Olha Mario eu to avisando: para com isso, senão...

NILSON: (Segura Mario pela gola da camisa e banca o valentão.) Senão o quê? Hein, seu pivete?! Você vai me bater, é?! Ou vai mandar a professora sua amiguinha me dar uma lição é? Não, melhor, você fazer xixi nas calças!

MARIA: (Sai em defesa de Mario) Larga ele agora, Nilson! Senão eu vou te ensinar uma lição!

NILSON: (Larga Mario, mas continua a provocação e começa a lhe dar empurrões.) Olha só, seu cabeção, sua namoradinha é que tem que defender você, é? Você não é homem, não? O que foi? O neném vai chorar é? (Mario acaba caindo com um empurrão de Nilson.) E some daqui, seu puxa-saco.

MARIO: (Levanta, começa a chorar, sai chorando e fica encolhido em um canto bem no fundo da cena.)

NILSON: Eu sabia, o bobão já foi chorar ... hahahahahahaha! (zomba)

MARIA: (fica brava) Olha aqui, Nilson, você já conseguiu o que queria! Agora vá embora seu monstro! E vê se deixa a gente em paz!!!

Cena II - *(Maria e Nilson saem de cena como se estivessem brigando e deixam Mario sozinho. Entra em cena Moçoila)*

MOÇOILA: Não sei de nada, não lembro de nada. *(começa a varrer e sai de cena)*

MARIO: *(Tomando o centro da cena.)* Eu não entendo! Por que Nilson fica me atormentando? Eu nunca fiz nada pra ele. Eu nem olho pra ele na sala de aula! O que ele tem contra mim?

DONA ANTONIA: *(Entra em cena)* Oi, Mario?

MARIO: *(Com um ar chateado)* Oi, Dona Antonia! Que bom te ver!

DONA ANTONIA: O que foi, meu amigo? O que aconteceu pra você ficar assim tão chateado?

MARIO: Foi o Nilson, ele...

DONA ANTONIA: *(Interrompendo Mario)* O Nilson outra vez é? Nem precisa dizer mais nada, é sempre esse garoto!

MARIO: *(Quase chorando outra vez)* Ele fica caçoando de mim porque eu tenho a cabeça grande e fica me chamando de cabeção e de puxa-saco porque converso com você, professora, porque tenho amiga como você e...

DONA ANTONIA: *(Interrompe outra vez)* E desde quando o que Nilson diz faz alguma diferença?! Quem se importa com o que aquele garoto fala? Deixa ele pra lá, Mario. Vá brincar! *(Dona Antonia e Mario ficam entretidos conversando e Maria entra em cena)*

MARIA: Esse Nilson é mesmo um... *(Olha e vê Mario conversando e Maria entra em cena.e resolve chama-lo.)* Ei, Mario!

MARIO E DONA ANTONIA: *(Com um certo espanto.)* Maria!?

MARIA: *(Não vê Dona Antonia, pois apenas Mario pode vê-la)* Como você está Mario? Nilson é mesmo um bobo! Não sei por que ele fica enchendo a gente e ainda continua nesta escola!

MARIO: É, ele vive pegando no nosso pé!

MARIA: Ele é mau, isso sim! Alguém tinha que dar uma lição nele! A diretora deveria era expulsá-lo da escola.

DONA ANTONIA E MARIO: Concordo! *(Os dois se olham com ar de “eu tive uma idéia”.)*

MARIA: Eu sinto muito, Mario. Mas eu preciso ir, já tocou pra entrar na sala. Você vai ficar bem?

MARIO: Tudo bem, Maria. Pode ir, além do mais, estou com Dona Antonia.

MARIA: Então, tchau Mario! Tchau Dona Antonia.

DONA ANTONIA E MARIO – Tchau, Maria...

(Maria vai para um lado e Mario e Dona Antonia vão para o outro lado)

Nisso entra Moçoila e diz:

MOÇOILA: Não sei de nada. Não lembro de nada. (Começa a varrer e botar as cadeiras na diagonal do palco e sai.)

*Cena III – Na sala, entram os alunos e a professora e todos se sentam. Em seguida aparece Maria.*

MARIA: (Entra na sala) Dá licença, professora!

PROFESSORA: (vira e responde) Pode entrar.

MARIA: Professora, a senhora nem imagina o que aconteceu na hora do lanche.

PROFESSORA: O que aconteceu Maria? Algum problema com você?

MARIA: Pode ficar tranqüila que não aconteceu nada comigo.

PROFESSORA: Então conte o que aconteceu?

MARIA: Como vocês sabem eu sempre brinco no intervalo com Mario. A gente estava conversando numa boa, quando Nilson apareceu...

DANI (aluna): Nilson é aquele aluno que vive caçoando de todo mundo, briguento que não faz nada em sala, e só vem pra escola pra lanche?

MARIA: Esse mesmo professora. Hoje ele apareceu e começou a xingar a gente, principalmente, Mario. Professora, você acredita que ele falou que Mario é “cabeção” e “puxa-saco” e me chamou de “nanica”.

LIPE: Esse Mario merecia um soco bem no nariz.

PROFESSORA: Ora Lipe, não fale assim. Eu sei que Maria está revoltada com o que aconteceu... Mas, dar um soco no Nilson por apelidar você e Mario, isso não vai levar a nada? Violência não leva a nada.

LIPE: Como assim professora? E deixar isso sem resposta pro Nilson?

PROFESSORA: Se você responder da mesma forma que o Nilson você está se nivelando a ele. O certo seria descobrir porque Nilson age dessa forma em relação a vocês. Talvez ele seja uma pessoa invejosa, por não ter amigo de verdade. Ou talvez, seja um garoto que não tem pai nem mãe, ou os pais sejam separados. Talvez, tenha problemas mais sérios do que vocês imaginam.

MARIA: Ora, professora meus pais são separados e nem por isso vivo infernizando todos os alunos da escola e também, não deixo de estudar. A direção deveria era expulsá-lo da escola.

LIPE: Isso mesmo.

PROFESSORA: Talvez Maria, talvez Lipe. O grande problema do Nilson talvez seja que ele pensa ou considere essa escola como um único lar que conhece, e isso se torna uma acomodação para ele, de achar que ao fazer tudo isso não seja punido. Em relação a querer estudar, talvez ele só saiba escrever e não saiba ler, isso seja um problema para ele. Por que vocês não tentam descobrir?.

MARIA: Entendi professora. Vou tentar descobrir o que acontece com Nilson.

PROFESSORA: Espero que vocês consigam. (Retornando a aula).

(Toca a sineta para finalizar a aula. Todos se despedem e saem de cena)

*Cena IV - Volta o cenário corredor no pátio da escola*

NILSON: (Andando pelo pátio, Nilson molha os cabelos no bebedouro e chuta o nada) Aqueles dois bobos já foram...

ESTER: (Aparece em cena andando pelos corredores) O que você está fazendo fora da sala, quem mandou você sair da sala? Me dê esse chapéu e jogue esse chiclete fora.

NILSON: (Levanta a cabeça e vê Ester e assusta-se e gagueja.) Ah?

ESTER: Você sabe que não pode ficar molhando os cabelos no bebedouro? Você não tem jeito quem é a professora ou o professor da sua sala que deixou você sair da sala.

NILSON: (Fica amedrontado e sai de cena)

SEU ZÉ: (Aparece em cena, andando pelo corredor com uma calculadora bem grande no pescoço) Ester, esse aluno não tem mais jeito. Ele fica o tempo todo molhando o cabelo, e não é o único.

ESTER: Mas, não pode deixar Seu Zé esses alunos pelos corredores. Se não querem estudar mande-os pra casa.

*(Saem os dois de cena e entra Moçoila, para no centro do palco com a vassoura na mão)*

MOÇOILA: Não sei de nada, não lembro de nada. (recomeça a varrer e sai de cena)

*Cena V - Encontro entre Dona Antonia e a professora Nice, conversando.*

DONA ANTONIA: Minha filha sei que você faz maravilhosos bolos.



NICE: Sim, Dona Antonia!

DONA ANTONIA: Gostaria que você fizesse um bolo para comemorar o dia das crianças, mas eu gostaria que você colorisse todo ele de rosa, que ficasse todo rosinha. Você pode fazê-lo, minha filha?

NICE: Sim, Dona Antonia.

DONA ANTONIA: Obrigado, minha filha! *(Pega nas mãos de Nice e saem as duas de cena. Enquanto isso entra moçoila).*

MOÇOILA: Não sei de nada, não lembro de nada. *(recomeça a varrer e sai de cena)*

Cena VI - *(Na sala da diretora, encontro entre Ester e Nilson)*

ESTER: *(Está sentada a espera de Nilson e este entra de cabeça baixa)* Quero conversar com você, senhor Nilson. Porque você está atormentado Mario e Maria apelidando eles? E que falta de respeito é esse com a professora Rosa. Que coisa feia? Por que você faz isso, Nilson? Não respeita os outros.

NILSON: Eu não tenho que te dizer nada! *(Tenta sair, mas é impedido por Ester e fica brava com ele)*

ESTER: Baixe a crista ao falar comigo. Eu estou falando com você. Você está sempre apelidando os colegas, ofendendo os professores, e bancando o valentão com os colegas menores que você. Que coisa feia. Não vou permitir isso nessa escola.

NILSON: *(Fica quieto calado)*

ESTER: Não vou permitir o desrespeito com a professora Rosa. A professora é uma das melhores da escola. Vamos respeitar. Porque respeito é bom e eu gosto. Se você não parar com estas coisas, vou mandar chamar sua mãe, e dar a sua transferência.

*(Nilson levanta e sai da sala zangado, chutando tudo que está a sua frente. Ao sair encontra com um vulto)*

NILSON: Aquele cabeção e aquela nanica, vou pegar eles, ao me dedurar pra Ester.

DONA ANTONIA: Como você é bobo, garoto. *(Aparece Dona Antonia mas, Nilson não a vê)*

NILSON: Quem tá aí? Quem tá falando? *(Assustado)*

DONA ANTONIA: Você é bobo sim. Olha só pra você! Você não tem amigos, porque, ao invés de ser legal com as pessoas, você briga, bate nelas e não quer estudar. Não tem respeito pela professora Rosa. Alguns alunos têm medo de você!

NILSON: (Quase arrependido) Aquele bobão deu a maior sorte! Ele mora numa casa, tem uma família que dá de tudo pra ele e, além do mais, ele tem um monte de amigos, e eu não. Claro! Ele é o queridinho da escola, e eu não.

DONA ANTONIA: Você é bobo, garoto!

NILSON: Bobo? Nada a ver!

DONA ANTONIA: Mas você prefere achar que a culpa é dos outros, porque você foi abandonado por sua mãe e não conhece seu pai. Preste atenção, amizade não tem nada a ver em impor a sua valentia ou sua rebeldia, ser querido na escola, tem haver com amor, carinho, respeito e acima de tudo ser um bom aluno. O que você dá para os outros? Ajudar os outros tem a ver em respeitar e ser respeitado...

NILSON: (irrita-se e quase chora) Você não sabe coisa nenhuma de mim, pra falar comigo desse jeito.

DONA ANTONIA: Então me conte os seus problemas, é para isso que estou aqui, para ouvir as coisas que as pessoas não querem contar para ninguém.

NILSON: (Resolve desabafar com Dona Antonia) É minha mãe... Ela trabalha muito para a gente poder comer, para eu ter o que vestir e para eu poder vir pra escola. E nunca dá pra nada. Além disso, eu não conheço o meu pai, e minha mãe casou com um cara que não gosta de mim e me bate sempre que possível, e eu não tenho nenhum amigo. A verdade é que minha vida é muito ruim. Eu tenho um monte problemas pra resolver e ainda sou um problema para todo mundo; daí, eu desconto em todo mundo essa raiva que sinto.

DIRA: (Entra com uma Bíblia na mão e escuta as últimas falas de Nilson) Olha, Nilson eu conheço você desde pequenino. Você não é tão mau quanto todos pensam. Quem sabe se você deixar eles te conhecerem como nós te conhecemos hoje, eles podem te achar um garoto legal. Isso não vai resolver todos os problemas de uma só vez, mas você vai fazer amigos que podem te ajudar a mudar um pouco a sua vida.

NILSON: Não sei.... (Sai de cabeça baixa e Dirá fica em cena)

DIRA: Espero que o comportamento dele mude, se não...

(Dira sai de cena balançando a cabeça e entra Moçoila)

MOÇOILA: Não sei de nada, não lembro de nada. (começa a varrer e sai de cena)

*(Dona Antonia permanece em cena e entra Nice empurrando o carrinho de mão e em cima o bolo já não tão rosinha.)*

DONA ANTONIA: Oh! Nice, mas minha filha, eu pedi que a cobertura do bolo fosse toda rosinha, e ela esta tão sem graça. (meio decepcionada)

NICE: Oh! Dona Antonia sinto muito, mas, o sol derreteu todo o rosinha do bolo, a senhora sabe que o percurso do Valentina até aqui em Paratibe é longo. (Tão cansada, triste e toda suada)

DONA ANTONIA: Bem. Também não é pra chorar. Tudo bem Nice, o que importa é o gosto do bolo. Obrigado Nice. (E as duas se abraçam e entra em cena Moçoila)

MOÇOILA: Não sei de nada, não lembro de nada. (começa a varrer e sai de cena)

*Cena VII— (No dia seguinte no pátio da escola Maria e Mario estão brincando de pular corda, quando*

*Nilson entra em cena.)*

NILSON: Oi Mario ...

MARIA: (Já tomando a frente para defender o amigo) O que você quer aqui, Nilson?! Não bastou o que você fez ontem? Será que nunca é o bastante pra você?!

NILSON: (Meio sem saber como reagir.) Olha, Maria. Eu... Eu só... bem, eu... eu queria...

MARIA: Queria o quê, garoto?! Vai, fala logo! Que tipo de maldade você está planejando?!

Fique sabendo que eu não vou deixar você magoar o meu amigo outra vez...

NILSON: (Baixa a cabeça.)

MARIO: (Tenta dizer algo.) Maria, olha quem sabe ele...

MARIA: Ele é mau e pronto!

DONA ANTONIA: (Em off.) Maria?!

MARIA: (Olha e não vê a pessoa que está falando) Que é?

MARIO: Dona Antonia?! É você mesmo?

DONA ANTONIA: (Entra em cena e todos conseguem vê-la) Sim, Mario. Sou eu.

MARIA: Não acredito! Eu estou te vendo, Dona Antonia!

NILSON: Eu também.

MARIO: Como pode ser?

DONA ANTONIA: É simples, amigos. Eu sou a imaginação de vocês. Toda criança tem uma imaginação e pode usa-la para fazer as coisas mais incríveis... como criar uma amiga imaginária, por exemplo...

MARIA, MARIO E NILSON: Puxa que legal!

DONA ANTONIA: Mas eu resolvi aparecer para todos vocês para dizer que eu e o Nilson conversamos e ele se arrependeu das coisas ruins que fez com vocês e com os outros...

MARIA E MARIO: (Olhando para Nilson com espanto e um pouco de dúvida.) É mesmo?

NILSON: Bom, é verdade sim...

DONA ANTONIA: (Olhando para Nilson) Não tem mais nada que você queira dizer?

NILSON: (Olha para Mario e Maria e depois para a platéia.) Eu quero que todos aqui me perdoem pelo mal que eu fiz a vocês. Me desculpem por ter apelidado, por ter sido violento, por não ter respeitado a professora e por não ter sido um bom amigo.

MARIA E MARIO: (Abraçam Nilson e falam juntos) Nós desculpamos você, amigo!

DONA ANTONIA: (Fala com os três) Estou muito orgulhosa de vocês. Eu sou a prova de que a imaginação de vocês podem transformar o mundo, por isso vocês devem imaginar um mundo melhor para todos, sem guerras, sem violência, com mais respeito entre as pessoas, mundo sem medo, onde vocês possam brincar. Imaginem o mundo mais bonito, imaginem o mundo do seu jeito, um mundo com as sua cara, onde todos vivem em paz.

NILSON: (Olhando para a platéia.) Para fazer este mundo existir de verdade, bastam gestos pequenos que cada um de nós pode fazer todos os dias.

MARIA: (Olhando para a platéia) Basta dar lugar para o perdão em nossos corações e acreditar que todos merecem uma segunda chance.

MARIO: (Olhando para a platéia) Basta respeitar os outros e aceitar cada um como é. Basta amor e carinho entre nós e, acima de tudo, basta sermos amigos! (Todos se abraçam)

CENA VII – *(A grande festa. Entram vários personagens em cena. Nisto entram dois personagens trajando palito e gravata. Dona Antonia vê e vai ao encontro de Ester.)*

DONA ANTONIA: Ester chegaram dois vereadores de partidos diferentes pra festa. O que vamos fazer?

ESTER: Não se preocupe Dona Antonia a senhora com certeza irá fazer o que é certo.

DONA ANTONIA: Então vamos enfrentar os cavalheiros. (e saem as duas em direção opostas uma se encontra com o vereador 1, enquanto a outra sai em direção ao outro vereador 2)

DONA ANTONIA: Que bom o senhor pôde vir pra nossa festa? Obrigado. Fique a vontade.

VEREADOR 1: Eu é que agradeço o convite. Obrigado. (Nisto em outra parte Ester se encontra com o outro vereador)

ESTER: Que bom o senhor esta aqui presente em nossa festa.

VEREADOR 2: Muito obrigado pelo convite.

ESTER: Espero que o senhor possa nos ajudar olhando a nossa Escola principalmente a quadra esportiva que falta pouco para terminar, mas está demorando muito. E o nosso alunado e os nossos professores estão sem intervalos coitados. Espero que o senhor nos ajude.

VEREADOR 2: Com certeza. Estou justamente para dar a minha contribuição.

ESTER: Eu agradeço muito a ajuda do senhor. O senhor quer me seguir, a nossa festa está muito bonita. (E saem para outro canto do palco. Nisto aparece Dirá falando com Nice)

DIRA: Dona Antonia era uma pessoa maravilhosa, Me ajudou muito.

NICE: Fazia festas maravilhosas.

GINA: Ah! Eu conheci Dona Antonia, sem saber que ela era Dona Antonia. sempre que íamos fazer feira no Mercado Central. Lá estava aquela senhora toda bem arrumada, enfeitada com colares e bem pintada, com roupa colorida, no salto alto com uma bolsinha pendurada no braço. Só vim saber que era ela quando comecei a trabalhar na Escola Antonia do Socorro, e quando vi o retrato dela na parede da escola, poucos meses após ela ter falecido.

IVE: Concordo com vocês, como Dona Antonia não existia uma pessoa igual a ela.

*(Após todos entrarem em cena e falar sobre Dona Antonia do Socorro e a própria Escola Entra em cena Moçoila, para no meio do palco.)*

MOÇOILA: Agora eu sei de tudo. (Entra com o bolo e todos ficam ao redor do bolo e Dona Antonia entra em cena com um monte de presentes. Toca a música: “Eu vou pra maracangalha” e todos cantam e dançam )

## ANEXOS

ANEXO A – Ficha do docente

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA  
ASSESSORIA TÉCNICA DE ENSINO

FICHA DO DOCENTE



NOME DA ESCOLA : Grupo Esc. José Gurg. de Barros

I I. DADOS PESSOAIS:

NOME : Antônio do Socorro L. Machado  
 SEXO : Feminino DATA DO NASCIMENTO: 03/03/1930  
 NATURAL DE: João Pessoa  
 FILIAÇÃO: Volano Pedro da Silva  
 ENDEREÇO : Sítio Paratibe Nº 911  
 BAIRRO : Granja FONE: 02312354  
 CIDADE : João Pessoa ESTADO: Paraíba  
 ESTADO CIVIL : Casado

II. DOCUMENTAÇÃO :

REGISTRO DE NASCIMENTO : Nº \_\_\_\_\_ CERTIDÃO DE CASAMENTO: 14519  
 CARTEIRA DE IDENTIDADE : Nº 48.819 ÓRGÃO EXPEDIDOR: 1  
 TÍTULO DE ELEITOR: Nº 5.838 ZONA : 1ª A? SEÇÃO : 2ª  
 CIDADE : João Pessoa ESTADO : Paraíba  
 CARTEIRA DE RESERVISTA : Nº \_\_\_\_\_ SÉRIE : \_\_\_\_\_  
 CARTEIRA PROFISSIONAL : Nº 41651 SÉRIE : 250  
 SINDICATO AO QUAL É FILIADO : \_\_\_\_\_ Nº CARTEIRA : \_\_\_\_\_  
 CONTRIBUIÇÃO IDEAL : IPEP  INPS  OUTROS : \_\_\_\_\_  
 Nº DE INSCRIÇÃO NO PASEP : 10043537976 PIS: \_\_\_\_\_

III. NÍVEL DE ESCOLARIDADE:

- SUPERIOR : CURSO \_\_\_\_\_ REGISTRO Nº: \_\_\_\_\_  
 COMPLETO  INCOMPLETO  CURSANDO   
 - 2º GRÁU: CURSO: \_\_\_\_\_ COMPLETO  INCOMPLETO   
 CURSANDO  SÉRIE: \_\_\_\_\_  
 - 1º GRÁU : COMPLETO  INCOMPLETO  CURSANDO  SÉRIE : \_\_\_\_\_

IV. HABILITAÇÃO PROFISSIONAL :

- BACHARELADO  CURSO : \_\_\_\_\_  
 - LICENCIATURA  CURSO : \_\_\_\_\_  
 - PLENA  PARCELADA  CURTA   
 - SUFICIÊNCIA  DISCIPLINA (S) \_\_\_\_\_  
 - AUTORIZAÇÃO PROFISSIONAL  DISCIPLINA (S) \_\_\_\_\_  
 - NORMAL OU EQUIVALENTE



V. OUTROS CURSO: (Especialização, Atualização, Treinamento, etc.)

DISCRIMINAÇÃO :	CARGA HORÁRIA:	ANO :
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____

VI. SITUAÇÃO FUNCIONAL :

FORMA DE ADMISSÃO :

NOMEAÇÃO  CONTRATO  DATA DE ADMISSÃO: 04/03/1954

PORTARIA Nº \_\_\_\_\_ MATRÍCULA Nº 0038

ENQUADRADO : Sim  Não

NÍVEL \_\_\_\_\_ CLASSE \_\_\_\_\_ REGIME DE TRABALHO Secretaria

DATA DE DESIGNAÇÃO PARA ESTA ESCOLA : \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

LECIONA NESTA ESCOLA :

DISCIPLINA : \_\_\_\_\_ SÉRIES : \_\_\_\_\_ TURNOS : \_\_\_\_\_

VII. OUTROS DADOS :

Outra (s) Escola (s) Onde leciona :

NOME : \_\_\_\_\_ VÍNCULO : \_\_\_\_\_ SÉRIE : \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

OUTRA (s) FUNÇÃO (ões) QUE EXERCE:

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS:

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

25/03/81  
LOCAL E DATA

Albuquerque  
ASS. DC DOCENTE



ANEXO B – Folha de frequência do ano de 1975



